



464-15 SELECÇÃO E PREFÁCIO DE LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS

# RAUL BRANDÃO

239

VOLUMES  
PUBLICADOS

1. AGORA É NATAL  
— José Maria Sarai-  
va Aguilar \* FIC-  
ÇÃO
2. FRONTEIRA —  
Maria Teresa Gal-  
veias \* POESIA  
2.ª edição
3. LUIS DE CAMÕES  
— Eduardo Da-  
mas \* TEATRO
4. RAMALHO ORTI-  
GÃO — Selecção e  
Prefácio de Rodri-  
gues Cavalheiro \*  
PÁGINAS PORTU-  
GUESAS  
2.ª edição
5. HENRI MASSIS —  
Selecção e Prefácio  
de Jacques Ploncard  
d'Assac \* DEFESA  
DO OCIDENTE  
2.ª edição
6. POESIA, RAÇA E  
HOMEM — Álvaro  
Cabral \* PENSA-  
MENTO NOVO  
2.ª edição
7. EÇA DE QUEIROZ  
— Selecção, Prefá-  
cio e Notas de Do-  
mingos Mascarenhas  
\* PÁGINAS POR-  
TUGUESAS  
2.ª edição
8. ANTÓNIO SARDI-  
NHA — Selecção e  
Prefácio de Rodri-  
gues Cavalheiro \*  
PÁGINAS PORTU-  
GUESAS  
2.ª edição







PÁGINAS PORTUGUESAS



# RAUL BRANDÃO

SELECÇÃO E PREFÁCIO

DE

LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS

EDIÇÕES PANORAMA



INCORPORAÇÃO

EDIÇÕES PANORAMA  
S. N. I. — PALÁCIO FOZ — LISBOA  
PRIMEIRA PUBLICAÇÃO — 1960

Composto e impresso na Companhia Nacional Editora  
Travessa das Mercês, 4 a 10 — LISBOA



## PREFÁCIO

**G**UARDA-SE nas páginas que seguem uma pequena Antologia literária de Raul Brandão e o compilador dos textos entende ser seu dever marcar, logo no pórtico da obra, a intenção que presidiu à escolha feita, o critério seguido, o espírito que o animou. Seria, na verdade, preciso? Está em crer que não. Pois que trabalho desta índole, se não é organizado arbitrariamente, ao sabor vago de leituras, mas sim obedecendo a uma ideia dada, esta facilmente se impõe ao leitor um pouco mais atento. Mas bem sabemos todos — todos os que lemos, todos os que escrevemos — que nem sempre a atenção é característica da leitura em geral apressada que o tempo de hoje exige. E este volumezinho desprezioso correria o risco de deixar morrer aos acasos de um folhear de circunstância o designio fundamental que presidiu à sua elaboração. Dai estas linhas breves.

Se a palavra «Antologia» implica uma ideia de escolha, e de escolha por cima, em alto nível como

agora se diria, não há dúvida que ela tem sido tão maltratada, tão desvirtuada no cumprimento da sua missão de *Selecta crítica*, que não me espanta certa desconfiança que por vezes já se vai vendo da parte do público quando surge trabalho deste género. Por um lado abundam hoje as *Antologias*, talvez por ser uma forma editorialmente económica de publicação... Por outro, multiplicam-se os seleccionadores-entendidos, os especialistas-dum-autor-qualquer, que lhe vão chupando os ossos o mais que podem, numa furiosa e lucrativa gula. Autores há seleccionados, assim, decerto na maioria das vezes com amoroso sentimento de propriedade mas muitas também com meras finalidades comerciais, ou outras, que tentam os críticos encartados, monopolizadores de glórias individuais quando não de gerações inteiras... O público, que vive em geral afastado destas amenidades de sector ou grupo, descobre, de repente, que afinal o autor escolhido revive, assim, em volume, não por esta ou aquela razão legítima de talento ou

significação da sua obra, mas por motivos em bastantes casos extraliterários ou por mera, embora respeitável, preferência, sentimental ou estética, do seleccionador. E daí a necessidade em que se vê o organizador de uma Antologia, de âmbito forçosamente resumido, de explicar ao que vem e o que pretende.

O que surpreende quem hoje lê Raul Brandão é, antes de mais nada, o vigor do colorista, a força pictural de uma prosa eloquente sem ser ditirâmbica, aberta sendo de impressionista e rica embora contida inteligentemente no autodomínio estilístico do escritor que se preza. Tudo o mais, que terá sido um momento a celebridade de Raul Brandão, nada tem a ver com o que faz a sua glória. Creio que o patriarcalismo generoso de um ideário talvez de aspiração dramática irrealizada, para o qual as pessoas, no vigor do seu recorte, não logram passar do problema imediato para o

vigor da tragédia autêntica, é relativamente secundário no perfil que a História Literária guardará de um dos mais opulentos prosadores da nossa língua, matriz de que terão saído muitos escritores que hoje não logram chegar-lhe sequer, em matéria de plasticidade prosódica, ao rasto das pegadas. Este, sim, o Raul Brandão que mais me interessa e que me parece ser o de perenidade já de há muito assegurada. Ao lado dele não há que negar, evidentemente (pois que um grande escritor só pode ser compreendido e aceito unitariamente) o memorialista violento e apaixonado e o poeta dramático — porque tudo fazia parte de uma só natureza tão fecunda como multiforme e que nessa diversidade encontrou a sua expressão estética. Mas esta pequena Antologia é de carácter literário e mais não pretende do que registar passos fundamentais da obra de Raul Brandão naquilo que ele nos legou de introdução sociológica e geográfica. Porque raros escritores portugueses, em qualquer tempo, terão contribuído tão

*pròdigamente para explicar Portugal através de uma obra «literária», interpretar Portugal através de um estilo. Tema tentador para um ensaio crítico seria, decerto, no estudo da totalidade humana e artística de Raul Brandão, separar o intelectual do emocional e fazer o juízo sereno, que a distância do tempo propiciaria, do muito que à primeira vista nele poderá talvez parecer contradição. Haveria porém que não separar o escritor da época em que viveu, época tocada do mesmo idealismo romântico que era afinal a base do travejamento ideológico de Raul Brandão, mas sacudida também pelo sobressalto revolucionário, antiespiritualista mas espiritual, fantasista mas alheio ao mistério e ao sobrenatural. No entanto, e como já uma vez tive ensejo de escrever, a obra de Raul Brandão afasta-se das características da sua época por um aspecto que a muitos outros sobreleva e que é o de ser a expressão formal de um pendor muito português, que é o do misticismo, não no sentido de atitude religiosa, comungante, digamos assim.*

*mas sobretudo como meio de inserção de elementos sentimentais no intelectual. Misticismo sem qualquer intenção de proselitismo religioso, mas já tocado, nebulosamente embora, de preocupações sociais, misticismo que, sendo normalmente um modo de exaltação imaginativa, poderá ser, também, alavanca de exaltação idealista e, além disso, exemplo, dos mais significativos, de características nacionais dos escritores e do tempo histórico de Raul Brandão, tal como em muitos casos a luta interior do artista entre a noção angustiada do absurdo e a tentação objectiva do espírito crítico. Mas o contributo sociológico, antropológico, étnico de Raul Brandão, esse, virá um dia a ser considerado extremamente importante para o conhecimento da terra e do homem portugueses. Por isso ao compilador dos textos antológicos pareceu-lhe indispensável que estes fossem divididos em quatro capítulos: A Terra e o Mar (pois que a rubrica Paisagem seria demasiado sumária e afectaria, a seu ver, o sentido profundo da visão do*

escritor); O Homem, O Trabalho e, finalmente, A Vida e as Figuras. Sem dúvida, o penúltimo capítulo é corolário do que o precede. O homem brandiano, quando não é uma sombra ou uma dor, é um braço. Mas esse braço vem da terra, é braço de árvore, bebe o sangue nas mais fundas raízes da Nação. O populismo de Raul Brandão não é uma bandeira, o seu povo não é uma classe mas uma realidade orgânica. Tudo é povo. Desses largos frescos murais, que nos dão em páginas, únicas pela viva presença que desprendem, por exemplo, o que na pesca ou na pastorícia há de destino, de vocação, de intrínseco, desde logo portanto «aristocratizando» ambas as actividades, escolheram-se aqueles que melhor fixavam ao mesmo tempo o lavrante da palavra escrita e o tema que ela recriava. Do mesmo modo se procurou guardar nas páginas deste volume quanto nos temas da Terra, do Mar e do Homem, sendo trecho válido como obra de arte, pudesse definir ao mesmo tempo a visão e o pensamento do autor

*e a sua assimilação, como artista, dos temas encontrados. Serão escassas as páginas, curtos os trechos... Sem dúvida. Mas com tal critério ganhará evidentemente a intenção divulgadora que, pensamos, preside a esta Coleção. Os trechos que se escolheram dos volumes de «Memórias» pretendem apenas ser representativos da posição do escritor perante a vida — a sua vida, como fulcro de existência essencial, digamos — e perante algumas das figuras que fixou no mármore da sua prosa. Dentre as obras consultadas uma há — é necessário lembrar — que não pertence apenas, como se sabe, a Raul Brandão porque tem, também, a assinatura de sua esposa: Portugal Pequenino. Não hesitámos, porém, em inserir trechos deste livro na presente Antologia, não só porque eles são também do escritor (e será difícil destrinçar no livro o que é de um ou de outro dos co-autores) mas porque é do mais puro e autêntico Raul Brandão o espírito que os anima e a*

*nenhum deles é alheia a sua marca estilística inconfundível.*

*Se as páginas desta Antologia, recolhidas com grande ambição de escrúpulo e uma constante exigência de humildade, contribuírem para reavivar para as gerações mais recentes o sentido nacional da obra de Raul Brandão, creio, francamente, que os editores da Colecção podem considerar-se recompensados, porque são os artistas e os homens de letras que melhor podem assegurar a permanência dos valores reais de que dão testemunho ou são intérpretes.*

*Bom Jesus do Monte, 1 de Setembro de 1959.*

LUIS FORJAZ TRIGUEIROS







A TERRA E O MAR

## MARÃO

... Mas aqui só o Marão existe e a própria vida é tão pequenina e tão ligada à presença da serra que ninguém dá por ela. Fiar estopa, tecer chapéus, tratar do gado, viver, morrer é transitório; só a serra se impõe na sua eternidade de pedra. Para um lado e para o outro são sempre os mesmos montes, as mesmas massas sobre massas em panorama. Uma ou outra povoação na Aboboreira, com os canastos erguidos nas eirinhas, entre os campos que dão milho e batata. Mas lá para dentro quem se atreve? O que anda pelos vales, pelos ermos, pelos sítios onde o vento isolado do homem não tem medo que o conheçam e se põe a rir sozinho, bailando em frente dos penedos denegridos? O que se passa nos desertos onde a alcateia, com o focinho no ar, uiva desesperada para a Lua que a fita toda branca?

O ar aqui embriaga e a água é tão pura e tão fria que lá diz o ditado: água da serra e sombra de penedos, fuge deles. A existência mói-se tão devagar, como o granito em osso à chuva e ao vento. Toda a gente que vive com o Marão se apaixonou por ele e por estes povos da serra, descendentes dos que os Romanos expulsaram dos altos, queimando-lhes os fojos, para os obrigar a viverem nos vales e a pagar imposto. São lusitanos. Os arados foram comuns, e ainda hoje um vizinho deita a mão, para lavrar o seu campo, ao que lhe está mais perto. A Rechã, os matos, os pastos, são

comuns; e se lá em cima querem semear algum centeio, tomam conta de um pedaço de terra a que chamam *mera*. As sementeiras de centeio e trigo fazem-se em Outubro até S. Martinho, as batatas e o milho na Primavera. Vinho não há, a vide não amadurece nestas alturas. A melhor casa do povo, a dos fidalgos, é cercada por um muro e tem portas fronhas—isto é, que a fecham dentro de um cerrado. É baixa e abre logo para a larga eira de pedra que liga a construção morta ao trabalho vivo da lavoura. Chega-se com as mãos ao beiral do telhado, e as portas obrigam a abaixar a cabeça ao entrar e ao sair. Na eira erguem-se dois canastros decorativos, em cima de mós atravessadas e assentes em pés de granito, obra apilarada dos pedreiros da serra, que há pouco mais de meio século ganhavam cinquenta réis por dia. A família que aqui viveu, pai, mãe, irmãos, avós, morreu toda aos oitenta e noventa anos de idade, depois de uma existência monótona e grosseira, que acabou por deitar espigas pela serra dentro.

*(Portugal Pequenino)*

## PRIMAVERA NA MONTANHA

Chega Fevereiro. Primavera. Dá logo rebate o tojo bravio. A aspereza é a primeira a senti-la.

O tempo está fúnebre. Ouço o ruído calamitoso das águas. Só os botões dos salgueiros estalaram. Nos galhos despídos entreabrem-se flocos friorentos e peludos.

Corre um vento glacial e as árvores encolheram-se trãsidas. Mas nesta frialdade sinto já ternura.

O ar de Fevereiro é outro: é morno. As rãs, de barriga no lodo, coaxam de satisfação, pegajosas e moles como a erva verde e húmida. E de um dia para o outro, crescem à tona da poça azul, encastoadas na terra negra, fios de erva a reluzir. Tinta entornada. O ar sabe bem: sabe a bravio.

Ao longe o sol trespassa os montes. Manhã de névoa e oiro gelado. Uma árvore nova cobre-se entontecida da primeira flor. Apressou-se, enganou-se... É uma haste de pele luzidia, três raminhos abertos no azul. E isto envolto em ternura — tanto faz que se trate de uma árvore como de uma rapariga.

Sente-se nesta atmosfera húmida a seiva inchar os botões tímidos das árvores. Volta a chuva gelada: a Primavera tenta, vem com hesitações.

Muda o cenário. Acinzentam-se os montes por onde sobem a rasto pelas pedras rolos de fumarada. Acastelam-se no céu as grandes nuvens esponjosas. Chove. A voz é outra. Donde a onde descerra-se a cortina vaporosa e emergem os montes brutos e compactos.

Nos abrunheiros bravos estalam os primeiros botões. E quanto mais bravos, mais flor deitam. É uma prodigalidade.

Noite. A escuridão, o silêncio, o esplêndido céu todo de oiro sobre a massa negra dos montes. É isto e os gritos da moichela aos ais de aflição. Eis torna o silêncio, e a alma sufoca de espanto... O pio triste dos sapos irrompe de profundidades ignotas. E outra vez o silêncio, a noite imutável cheiinha de estrelas — e sempre o mesmo fio de água, misturando ternura a este espectáculo de assombro. É só isto, e a muralha disforme ao fundo, ainda pálida de luz.

A Primavera é um fenómeno eléctrico.

(Húmus)

## LITORAL MINHOTO

Deixo esta manhã Viana e os incaracterísticos pescadores da Ribeira e sigo pelo pinhal de Darque, Anhe, S. Romão de Neiva, para Esposende, com o rio à esquerda, por terras vermelhas, donde irrompem alguns tufos de pinheiros majes-

tosos como templos. Ao longe a serra de Arga e as torres de S. Silvestre... Fica-me na retina uma igreja branca, a de Darque, recortada no céu, e a verde solidão dos pinheirais, que associo sempre à ideia do mar largo. Pela estrada característica acompanho carradas de sargaço e de patelo, até que chego a Belinho, onde o grande poeta exilado bate as portas na cara do mar que detesta — depois de atravessar um fio de água, com o morro selvático do Castelo de Neiva em frente. De Belinho para S. Bartolomeu já me envolve a poalha da tarde e depois uma luz violeta nas Marinhas. Tenho de um lado os montes escuros e do outro o mar verde com o resplendor do céu em cima. A beira da estrada, branca de poeira, movem-se ainda — trabalham noite e dia — alguns grupos de moinhos. E esta engenhoca seduz-me: anima a paisagem e tem alguma coisa de navio e de brinquedo de criança.

Faz-se tarde. No fundo mais negro as casas, mais pálidas, embranquecem: só o milho fica loiro e o céu fica doirado. Logo adiante é o areal africano da feia Esposende, terra da beira-mar donde não consigo ver o mar, terra de tristes pescadores. As redes de arrasto deram cabo do peixe matando a criação. Só resta uma catraia para a pescada, alguns batéis para a raia, com redes de malha muito larga, e diferentes barquinhos para a pesca do rio, que dá o sável, a tainha e o robalo na vazante, e a solha que se fisga com a petada nos fundos de areia mais escura.

*(Os Pescadores)*

## O PINHAL E O MAR

Daqui até à Póvoa de Varzim a povoação mais importante de pescadores é a Lagarteira (Âncora), na segunda reentrância da costa. Deito-me a pé pela estrada, através do lindo pinheiral do Estado, que, de cismático, me lembra

António Nobre, e fico perdido de sonho no Moledo. Em 13 de Agosto de manhã há uma ligeira névoa, um nada, um bafo. São nove horas. O azul entontece. Perco a linha da paisagem, o verde-escuro do pinheiral que vai até ao mar, e tudo isto se me afigura uma larga concha azul, formada pelo mar azul e pelo céu azul, com uma borda de areal onde alguns velhos moinhos em fila batem as asas para meu encanto. O forte da Senhora da Ínsua fica num extremo, com o monte de Santa Tecla, que saiu agora do mar a escorrer, e no outro extremo da curva, onde a amplidão do azul é infinita, a penedia a desfazer-se em espuma... Não posso. Por mais que queira não posso arredar-me daqui, com a cabeça estonteada. Fico. E só ao fim da tarde é que consigo chegar a Âncora, com dois jactos de azul metidos pelos olhos dentro. Logo hoje, até muito tarde, não se apaga do céu um doirado de iluminura, que se prolonga até noite velha e morre com aflição...

*(Os Pescadores)*

## RIA DE AVEIRO

A ria é um enorme pólipó com os braços estendidos pelo interior desde Ovar até Mira. Todas as águas do Vouga, do Águeda e dos veios que nestes sítios correm para o mar encharcam as terras baixas, retidas pela duna de quarenta e tantos quilómetros de comprimento, formando uma série de poças, de canais, de lagos e uma vasta bacia salgada. De um lado o mar bate e levanta constantemente a duna, impedindo a água de escoar; do outro é o homem que junta a terra movediça e a regulariza. Vem depois a raiz e ajuda-o a fixar o movimento incessante das areias, transformando o charco numa magnífica estrada, que lhe dá o estrume e o pão, o peixe e a água da rega. Abre canais e valas. Semeia o milho na ria. Pova a terra alagadiça, e à custa de esforços persistentes, obriga a areia inútil a renovar constantemente a

vida. Edifica sobre a água, conquistando-a, como na Gafanha, onde alastra pela ria. Aduba-a com o fundo que lhe dá o junco, a alga e o escasso — detritos de pequenos peixes.

(*Os Pescadores*)

«UMA GRANDE FLOR  
QUE DESFALECE»

O mar às vezes parece um véu diáfano, outras pó verde. As vezes é de um azul transparente, outras cobalto. Ou não tem consistência e é céu, ou é confusão e cólera. De manhã desvanece-se, de tarde sonha. E há dias de nevoeiro em que ele é extraordinário, quando a névoa espessa pouco e pouco se adelgaça, e surge atrás da última cortina vaporosa, todo verde, de um verde que apetece respirar. Diferentes verdes bóiam na água, esbranquiçados, transparentes, escuros, quase negros, misturados com restos de onda que se desfaz e redemoinha até ao longe. E ainda outros azulados, com a cor das podridões. Tudo isto graduado e dependendo do céu, da hora e das marés. Há momentos em que me julgo metido dentro de uma esmeralda, e, depois, numa jóia esplêndida, de um azul único que se incendeia. Mas a luz morre, e a luz agonizando exala-se como um perfume. É uma grande flor que desfalece. O doirado não é simplesmente doirado, nem o verde simplesmente verde: possuem uma alma delicada e extática.

(*Os Pescadores*)

A LAGOA E O SONHO

Ao lado do areal onde se finca a povoação de Mira, há um resto da ria de Aveiro, que teve aqui noutros tempos uma saída para o mar e que se chama ainda hoje a Barrinha.

É uma gota de água pensativa a cinquenta passos do mar. Canaviaes e areias... Mas a lagoazinha bebe a luz do céu e parece ainda mais melancólica e pacífica ao lado do grande oceano atormentado. Não sei se faz versos — sei que sonha e que a certas horas fica estonteada, a contemplar-se. Ao pé do mar ninguém a ouve, mas talvez seja essa a poesia superior; talvez a poesia íntima e ignorada seja a mais bela e a única que Deus escuta.

(*Os Pescadores*)

### PÔR-DO-SOL EM MIRA

O Cabedelo para mim era o deserto cheio de prestígio e de aventuras... Era no Cabedelo que tomávamos os melhores banhos, deitados na areia, deixando vir sobre nós a vaga num rodilhão de algas e espuma. Andar um momento envolvido na crista da onda, ser atirado numa sufocação sobre a areia, correr de novo para o mar, direito à vaga que se encapela lá no fundo, formando concha, outra vez aturdido e impregnado de uma vida nova; e depois procurar, a escorrer, um côncavo quentinho de areia que nos sirva de abrigo contra o vento e secar-se a gente naquele lençol doirado — é uma das coisas boas da terra. E outro prazer simples e extraordinário é ir descalço pelo grande areal fora com os pés na água. A onda vem, espraia-se, molha-nos e salpica-nos de espuma. Calca-se esse mosto branco e salgado, que gela e vivifica, e caminha-se sempre ao lado dos sucessivos rolos que se despedaçam na areia. Ao longe, o mar chapeado de placas movediças... A onda vem, cresce, e, antes de se despedaçar em espuma, o Sol veste-a de uma armadura de aço a reluzir. Há-as de um esverdeado de alga morta, há-as que se derretem e fundem em torvelinhos de branco, e há-as que recuam e se enovelam noutras ondas prestes a desabar. Mas há umas, esplêndidas, que vi em Mira, ao pôr-do-Sol, quando

o vasto areal fica todo ensanguentado. A onda forma-se e corre por aquela magnífica estrada que vem do Sol até à praia, ganha primeiro reflexos doirados na crista, e depois, quando se estira pelo areal molhado, fica cor do vinho nos lagares.

*(Os Pescadores)*

### O «SÍTIO» DA NAZARÉ

Antes de me ir embora vou lá acima ao «Sítio». É uma aldeia branca e deserta, com o templo, a capela e o penedo onde se deu o milagre. Do alto deste grande morro descobre-se de aeroplano um largo panorama — o mar infinito, a ampla baía formada pelos montes, a branca Nazaré ao pé da areia, a toalha líquida do riozinho que se espraia e detém ao chegar à costa, e do lado da terra os eternos pinheirais, donde emerge o cone mais agudo de S. Bento, com a ermida e a guarida do vigia. Percorro as ruas e a praça. O silêncio de uma povoação abandonada. Só encontro o padre, duas mulheres e uma criança. Os homens foram todos (mais de trezentos) para a longínqua pesca do bacalhau, que dura de Maio até Dezembro. Durante essa longa ausência a mulher não muda de roupa nem de vestido e nunca mais se deita na cama onde dormia com o homem, que lhe leva a enxerga para bordo: fica no chão com os filhos sobre esteiras.

*(Os Pescadores)*

### ÓBIDOS, LONGE DO MUNDO

Óbidos, vista da estrada, é o cenário de um presépio, com as muralhas recortadas e moinhos de vento a trabalhar na encosta. Só lhe faltam alguns pastores, com gaitas de foles, descendo o monte... Pequena vila adormecida e quase in-

tacta. Nunca passo por uma destas terrinhas que não me fique pena de lá não morar algum tempo, no silêncio recolhido, deixando a minha vida presa aos vivos e aos mortos. Isto tem um ar tão afastado do Mundo! Não se ouve rumor. Um sino tange ao longe... Se há aqui interesses, estão submersos. A vila foi agora mesmo desenterrada com as suas igrejas, e a ruazinha principal onde não mora ninguém — tudo cercado de muralhas de pedra escura, que aproveitaram as ondulações do terreno, até se fecharem lá em baixo na porta principal com azulejos, e que parecem ter crescido tão naturalmente do morro como as árvores... Alguns minutos e sigo pela estrada triste até à Serra d'el-Rei. O chão produz milho amarelo baixinho e a areia um vinho branco que tem fama. São três horas de caminho até este sítio onde viveu D. Pedro, o Cruel. Do seu drama restam paredes desmanteladas e uma fonte que continua a correr e a apagar a sede de quem passa. Curvei-me, bebi também, e, transposto o pinheiral, dei com o amplo panorama de terra e mar: a costa, à esquerda o cabo Carvoeiro, em frente a rocha do Baleal e ao fundo as Berlengas delicadamente pousadas na água...

*(Os Pescadores)*

## PAISAGEM RIBATEJANA

Lá está Santarém no alto de um píncaro, entre olivais aparados e cortados como buxos, entre moitas de laranjeiras e herdades e hortas reluzindo na erva de um verde quase doirado.

A cheia encheu as valas e transbordou, encheu as poças que são a continuação do Tejo que fica longe e não tem margens. Do alto do monte cortado a pique descobre-se o largo esplendor da paisagem, que se bebe num hausto de ar, de luz, de maravilha. O Tejo tomou conta dos campos, das

lezirias, dos olivais, das hortas, numa extensão de muitas léguas até um biombo roxo e efémero — Palmela, a oitenta quilómetros de distância, e parece que até às cordilheiras do Alentejo. Mais perto as vinhas, os vastos campos da Golegã, as povoações de Alpiarça, Chamusca e Alcanhões estão transformadas em mar.

E agora compreende-se perfeitamente esta paisagem: o Tejo com a chuva retomou o seu estuário, que ia da barra até às Portas de Ródão, tendo os montes como diques e margens. Toda a cultura foi conquistada ao rio soberano e hoje tudo está, como no princípio do Mundo, reduzido à imensa maravilha da água. As estradas desapareceram, os tabuleiros de vegetação sumiram-se sob a toalha líquida. Só emergem as pontas das árvores que limitavam os campos, os choupos ou os eucaliptos que bordavam os caminhos, as fruteiras dos pomares, macieiras e pereiras em flor, saindo da água barrenta que se não vê correr. O Tejo, que no Verão empoça e cheira mal, depois de um mês de chuva, retomou os seus limites naturais.

*(Portugal Pequenino)*

## LISBOA

É um lindo espectáculo ir, às tardes, ao largo do Camões ver os pardais recolherem-se às grandes árvores do cantinho. Juntam-se primeiro nos telhados ou nos fios. Lançam-se, às revoadas, pelo ar doirado, todos doirados de sol. Depois, na última luz, descem, às centenas, sobre as duas ou três árvores escolhidas, onde passam a noite, chiando e bulhando antes de adormecerem. Uma pequena de dez anos explicava assim aos irmãos este espectáculo:

— É um largo — sabes? — onde está Camões a dizer versos e, à volta, os pardais a aplaudi-lo.

Pois ontem, de repente, às onze horas da noite, o vento e a chuva glacial, num minuto, alastraram o chão das aves que tinham pousado naquelas árvores. Mataram-nas aos milhares. De manhã, apanhavam-se às pázadas. Todo o largo parecia endurecido, e já não havia quem aplaudisse o poeta.

Quando um facto inesperado e observado deita abaixo o meu castelo de cartas, e me põem em frente do acaso governando a vida — fico gelado de pavor.

*(Vale de Josafat)*

## RUAS DA VELHA LISBOA

... Acordam na grande cidade árabe, à beira do Tejo, e voam para o alto de uma chaminé, para melhor contemplarem a estranha maravilha. É no Inverno, e no Inverno não há noutro sítio luz que chegue a esta, nem doirado que diga tão bem nos muros brancos. Vielas, um arco, ruas cheias de gente — e a baía azul lá em baixo aos pés do anfiteatro. Mais para o fundo a cidade desordenada toma outro carácter, que o homem da regra e do dever lhe impôs, com um prumo e um compasso; e para longe o burguês rico abriu avenidas vistosas e muito feias. Mas quem deixou vestígios para sempre foi o árabe, com a cidade enrodilhada, suja e admirável na luz, logo que lhe dêem uma mão de cal; foi o terramoto que a sacode de quando em quando, e o Marquês que a reconstruiu e olha para ela, com a terrível luneta assestada, do alto da Avenida...

— Vamos ficar aqui...

É em frente da Sé, na Costa do Castelo, na chaminé de uma casa de penhores, donde se vê o mundo todo, o azul do céu e do rio, e esse povo que quer ser feliz e que tem como nenhum outro o sentimento da igualdade. Escadinhas a subir para o céu, um lampião, uma boca escura, prédios velhos

como vestidos velhos, que custam a deixar e que estão condenados há um século. O progresso é inimigo do à-vontade e das ruazinhas estreitas, onde toda a gente se conhece e mete da sua janela o nariz na janela alheia, sabendo, queira ou não queira, a vida da vizinhança.

*(Portugal Pequenino)*

## AMENDOEIRAS NO ALGARVE

O que há de extraordinário no Algarve é a vida da luz e a brancura das casas... Estradinhas poeirentas orladas de piteiras, de figueiras-do-inferno com as mãos espalmadas para quem passa, pedindo misericórdia ou uma sede de água, um ou outro eucalipto, e sempre, sempre, casas imaculadas à beira dos caminhos, a que os donos se lembraram de cair os umbrais de azul. Toda a brancura faísca — branco e roxo nas sombras — às chapadas sobre chapadas no espantoso Ayamonte, do outro lado do rio, que atinge o auge do branco entre a serenidade da água e o cinzento do céu. E isto no momento em que todo o Algarve é uma flor, num Inverno em que nem à noite se sente ponta de frio. Mar como caldo azul, o areal, a costa de penedos decorativos, e na terra leite derramado — graça da paisagem com as chaminés rendilhadas, entre amendoeiras irrompendo dos barros vermelhos.

As amendoeiras, neste tempo, transformam todo o Algarve. Há-as enormes, formando uma só flor. Há-as que vergam ao peso da brancura e que perfumam a estrada. Há-as casadas com velhos troncos de oliveira carcomidos. Há-as em grupo ao pé de tocas felizes, quatro paredes e um telhado no meio de um campo onde corre um rego de água, cheio de junquinhos. Tocas encantadas. Só as chaminés as decoram ou a parreira grossa, já túmida, podada curto sobre meia dúzia de barrotes.

*(Portugal Pequenino)*

## AÇORES

Aquilo perdido lá em baixo é a Ribeira da Ametade, a povoação que mal se distingue, o Faial, e um grande penedo aguçado na minha frente, o Mirante. Paro assombrado diante dos cenários uns atrás dos outros, erguidos no ar e dissolvidos no ar, dos valezinhos, que parecem ainda mais isolados e concentrados, mais fundos, que rochas temerosas defendem e esmagam, e por onde deve correr no Inverno a torrente com um rebramir furioso. É a realidade ou a névoa?... São paisagens de Doré — sítios ao mesmo tempo atropelados, bravios e poéticos. Um caos com pormenores líricos. E a água segue-nos sempre, e o nevoeiro deforma tudo, cinzento, quase rosa e trespassado pelo sol, ou espesso e entranhando-se nas gargantas, subindo as montanhas, aglomerando-se em borrões e desvendando de repente aspectos de ferocidade e de grandeza. Caminho por uma rocha entreaberta (e a água cá vai), avisto um penedo colossal cortado a pique, e detenho-me diante do vale que se alarga e da magia da névoa, que cria na minha frente um tropel de montes descendo aos galgões até ao abismo, com faias agarradas por milagre a bocados de terra. Ao pé de mim as árvores são tão velhas que têm barbas, grandes barbas de líquenes, como nunca vi senão nos bodes. A custo distingo já o que se passa. A meu lado fica um grande penedo trágico, coberto de musgo vítreo, cor de cinza, que não tarda decerto a mexer-se, e a meus pés o abismo aberto, todo em névoa...

*(As Ilhas Desconhecidas)*

### O PICO

Pela estrada sul até às Lajes o aspecto é mais escuro e mais severo, lombadas cor de lousa e terra dividida e retalhada por muros de lava, que nunca mais acabam. Passamos

por eiras de fuligem onde o trigo atado aos molhos parece mais doirado, por castanheiros anões que irrompem como manjericos da terra feita de carvão. E todo este negrume, de tanto negrume se acumula, resalta de quando em quando o escarlata vivo de uma trepadeira ou uma seara de milho alvo, com as espigas já vergadas. Um rapaz no poleiro enxota os pássaros mais atrevidos com a funda. Emerge um jacto, esguio, de pé, na atitude clássica, e a pedra sai da funda e vai como uma bala até ao bando que levanta voo, enquanto ele, imóvel e de braço estendido, solta um grito rouco. Saúdam-nos os picarotos de chapéu de palha por cima do lenço e albarcas nos pés, e raparigas de pele acobreada que tiram água dos poços. Os casinhotos escuros são muito limpos por dentro. Nalgumas destas aldeias denegridas vive-se como há trezentos anos, com meia dúzia de ideias e um padre, com os sentimentos do passado e um padre. Pouco e pouco a paisagem transforma-se. Os montes crescem e encontro outra vez o Pico desolado e trágico.

Atravesso o Monté, onde os costumes são tão puros como no Corvo, a Candelária, S. Mateus, que lembra uma terra de mineiros. Montanhas cada vez maiores e de certa altura para cima despidas de vegetação, só arquitectura e tragédia. Rasgam-nos, dilaceram-nos de alto a baixo as grotas, cavadas pelas torrentes. Severidade e negrume, a que de quando em quando sucede o grande plaino cinzento dos *mistérios*. Depois do *mistério* da baía, aparece-me o *mistério* de S. João e o grande *mistério* da Silveira, que nos acompanha e dura quilómetros pela estrada fora dando à paisagem um aspecto fantástico. É o Pico na sua verdadeira expressão. Cinzento e negro, sempre cinzento e negro, o negro da terra, o negro dos montes cada vez maiores, e o cinzento estranho dos *mistérios*, vastas necrópoles, onde terra e pedra estão sepultadas sob o mesmo lençol cinzento.

É esta paisagem mineral que dá carácter à ilha magnética. Sumiram-se os retalhos de um verde tenro entre o negro calcinado e vulcânico — mais verde — mais tenro —, só

resta a desolação imensa. Lembro-me daquela baía — que se chama *baía do Mistério*, isolada e cinzenta, morta que espera todos os dias os mortos, as cinzas dos naufragos dispersos no oceano. Só me restam na memória as vastas extensões cada-véricas, devoradas pela lepra e com montes em osso ao fundo.

(*As Ilhas Desconhecidas*)

## ILHA DE SONHO

É novo e estranho — violeta e verde — o largo panorama a roxo onde distingo fios de esmeralda de pastos. Mas é principalmente roxo: não só nos fundos, logo no primeiro plano, de um roxo transparente e luminoso como a luz que se extingue — de um roxo que vai da arriba até ao mar e acaba no poente imenso e todo roxo. Através da poalha distingue-se o campo de erva verde e orvalhada, os penedos donde escorrem os inhames de um verde carregado, até que a neblina se adensa e acaba num borrão. Mistura-se a isto o doirado do sol em poeira doirada que custa a irromper da tinta e esplende enfim em cataratas de fogo sobre o roxo das águas cintilando...

.....  
Já se ouve o ruído das águas da Ribeira, já se avista a povoação no panorama de montes e penhascos azulados. A água quase negra de um regato despenha-se de pedra em pedra até às patelas dos moinhos. Uma pontezinha romântica, meio arruinada, reúne vários socalcos e algumas casinhas de pedra solta. A água espadana esbranquiçada ao pé das rodas entre figueiras acocoradas. O ar cheira a limonete, que aqui se chama luisa. Subo e olho: logo por trás da aldeia da Fazenda, pálida, numa paisagem que lembra os montes asturianos e Covadonga, se erguem escarpas imensas de um roxo violento e negro contrastando com a meiguice dos campos

e o verde-claro dos pastos iluminados por uma luz fria. É o Monte da Vigia, o Pico da Sé envolto em nuvens e o Franciscão, cone perfeito de pedra, aguçado até à extremidade. A fumarada da névoa entra por uma garganta, afasta os cerros para um fundo longínquo e torna ainda mais violeta e mais sólida a arquitectura dos montes. Quando por momentos se adelgaça e esvai, aí torna o grande cenário dos maciços, os píncaros de rochas estranhas, a serra recortada... Só no primeiro plano um monte isolado e mais pequeno não muda de aspecto nem de cor, afastado da região da névoa: conserva-se verde e imóvel, arredondado e verde, solitário e pacífico, enquanto o cone da Sé muda de cor a todos os instantes, levado para as regiões fantásticas do sonho.

*(As Ilhas Desconhecidas)*

## SETE CIDADES

Mais dois passos e chegamos ao vértice em que se descobrem de repente as Sete Cidades escondidas entre montes. É o ponto mais alto da cumeeira: tenho os lagos a meus pés, e, se me volto, o amplo panorama que abrange grande parte da ilha, mar, céu e costa, luz e irrealidade.

O mar, em toda a amplidão, forma um plano em ângulo com o plano verde da terra — e parece que vai desabar sobre ela. Na minha frente entreabre-se um abismo que nos atrai para fora da vida, para regiões inesperadas de sonho. A convulsão, a brutalidade e o fogo levantaram até ao céu grandes paredes vulcânicas, dispondo no fundo do caos alguns campinhos meigos e dois lagos, um inteiramente verde, outro inteiramente azul, separados por um fio de terra e quietos, adormecidos, cismáticos. As forças desencadeadas chegaram a este resultado: — um pouco de azul, um pouco de verde, ternura e idílio... Paredes cortadas a pique, carregadas de

árvores, que se despenham de cima até abaixo, acabam na água ou em pequenas chãs de milho, que a luz das ilhas envolve numa frialdade casta e imóvel...

.....

O carácter da paisagem é delicado e oculto. Embora a gente veja o campanário e as casas minúsculas no fundo da enorme cratera, duvida, e chega a supor que a vara de um mágico fez parar o tempo, e aquilo se conserva encantado entre montes desmedidos e brutos que o guardam prisioneiro. O tempo passa, os homens passam; só ali tudo está suspenso, na atitude fixa no momento do prodígio. Na solidão mágica não se ouve cantar um pássaro, a água não boia, as flores não boiam. Tudo se mostra na amplidão da cratera aberta para o céu e num grande silêncio estarecido. Tão pouca tinta! Um quadro feito de emoção; um quadro em que o verde não chega a ser verde, em que o azul é névoa, e um sopro o pó roxo suspenso no ar, puro hálito da paisagem arfando. Três riscos muito leves para fixar o encanto, como se fosse possível só com sentimento e quase nada de cor fazer uma obra-prima. Reparo que há efectivamente uns carreiros perdidos por entre os montes para descer lá abaixo. Mas eu não me atrevo! Tenho medo de que ao aproximar-me a visão se desvaneça no ar!...

Começo a reparar em pormenores: de um lado a lava abriu sulcos na encosta, lavrada de alto a baixo. Sombras de nuvens viajam sobre as águas e entranham-se em poeira verde num lago, e no outro em poeira azul, ao mesmo tempo que o verde das escarpas se derrete pouco e pouco nas águas... A todos os minutos a luz transforma as muralhas espessas, os contrafortes temerosos, que abrigam e escondem no seu seio com ar trágico — e ao mesmo tempo se revêem nas águas tranquilas — aquelas duas jóias transparentes, uma de cada cor, e ambas tolhidas de pasmo. Um momento tudo gelou, afastado e sonâmbulo, visto através de um vidro, e logo o pó roxo se apodera do verde, as grandes sombras dos vales enegrecem

e a paisagem flutua em nêvoazinha azul como um fantasma ao passar para outra vida — alma que ascende desaparecendo no ar. Estendo as mãos...

*(As Ilhas Desconhecidas)*

## ILHA TERCEIRA

O navio fundeia na Terceira, num vasto semicírculo, fechado ao norte pelo monte Brasil e do outro lado pela ilha das Cabras. Está um calor surdo. Demoro-me a olhar a cidade, donde irrompe uma pirâmide amarela, o monumento a D. Pedro IV. Num plano mais afastado alguns montes escavados. É Braga com mais regularidade nas ruas, mais cal nas paredes e que lhe deu na veneta para ser praia, estendendo até à beira-mar os seus conventos e as suas igrejas pesadas, com um forte em cada extremidade. Na rua andam mulheres de capote negro, apertado na cinta e formando concha sobre a cabeça, e raparigas do povo com o lenço atado só com um nó e deixando ver as madeixas: — são as solteiras; as casadas escondem todo o cabelo e atam duas vezes o lenço no pescoço. Foi aqui que vi as mais lindas figuras de mulheres dos Açores — tipos peninsulares, de cabelos negros e olhos negros retintos.

Tomei por uma estradinha ao acaso, onde florescem, nascendo nos muros, as chagas e os alfinetes cor-de-rosa. Atravessei a Urze tão branquinha, os caminhos humildes de Figueiras Pretos e Bico de Cabo Verde, recolhidos entre pinhais e acácias, a que se chama pau-de-toda-a-obra. Fui seguindo entre sarças da ilha. No caminho uma carreada — bois luzidios com ponteiras doiradas nos chifres e homens desempenados e fortes à frente dos carros.

Entro no quintal de um amigo. Gostei sempre de me perder nas quintas e nos jardins entre quadros rústicos de lavoura. Sentei-me num pomar de deliciosas nêspas ama-

relas e maduras, a vermelha mais ácida, e a branca mais doce e que se desfaz em sumo na boca. A vegetação reluz envernizada de novo. Espreitei o recanto abrigado da vinha baixa, que produz com duas castas, a Isabela e o Verdelho, o vinho de cheiro e o branco que tem fama. E depois passei por o jardim silencioso e húmido, pelas ruas altas de faias de Holanda. E neste ar tépido, nesta luz difusa, apareceram-me as japoneiras gigantescas em pirâmide, o gólfão branco com a flor amarela ou leitosa abrindo ao meio das folhas estendidas à superfície das águas verdes e podres das bacias; a aromática espirradeira, que deixa cair as pétalas vermelhas, uma a uma, num canteiro de relva, desfalecida como se a sangrassem. Isto cresce diante dos meus olhos numa atmosfera quente e numa luz tão verde que chega a dominar o cinzento.

(*As Ilhas Desconhecidas*)

## CORVO

As duas da madrugada, na noite funda, com um rebramir de mar sempre presente, oiço a buzina do pastor que chama os outros lá do alto, do *portão*. E partem juntos no escuro: vão ordenhar as vacas à Ribeira Funda, à Ribeira da Vaca, à Feijoa dos Negros, baldios a noroeste da ilha por montes e vales, onde só crescem algumas faias e cedros. Cada lavrador tem dois boizinhos, os bois do carro, ao pé da porta; os outros andam nos currais, ao ar livre, até Fevereiro. As vaquinhas, encantadora raça do Corvo, são mungidas nos pastos, e produzem este leite perfumado, que não me canso de beber e que sabe a todas as ervas rasteiras que cobrem o chão como um tapete, e que os pastores designam uma a uma pelo nome: sabem ao trevo enamorado de três folhinhas esguias em cada ponta, ao guedilhão, ao azevém, ao feno, à solda de florinhas amarelas, à mão-furada, à lia-vaca, à lia-vaquinha,

à milhã, à erva-estrelinha de flores brancas, e às variedades de fetos que eles distinguem pelos nomes de feto serrim, feto rato e molar, feto porco e feto branco — que dão camadas sucessivas de pasto nesta humidade que destila o céu. Duas vezes por dia as ordenham — se mama o leite, como eles dizem — e só ao fim da tarde começa a bicha a descer a íngreme ladeira. É todo o povo que desfila, como vi num grande retábulo de pedra esculpido a cinzel por um artista ingénuo — os pastorinhos, as moças com os cabaços ao quadril, as mulheres com os carregos e os velhos já gastos. Uma expressão arcaica e dura e ao mesmo tempo resignação e dor. E, com o povo que regressa todas as tardes da lavoura — vejo os instrumentos de trabalho — os cestos, as cordas, o alvião. E com o povo os animais, as ovelhas, os bois, os burros carregados e os porcos que recolhem às cortes, completam o grande retábulo aberto na pedra do Corvo. Esta pedra brava produz milho, trigo e lã, com que os sustenta e veste, mas a maior parte das terras são no vale do Fojo, numa chã à beira-mar, a duas horas de distância, e as pastagens ainda mais longe. Todos moram na vila para fugirem à solidão tremenda, todos trabalham naquela fraga dura como bronze cinzelado, nos cantinhos onde a terra se juntou — todos caminham descalços, duas vezes por dia, pelo único caminho áspero que leva ao interior. Vida dura.

— A gente semeia e o vento leva!

O vento é a preocupação constante desta gente.

— Ele é o poder do Mundo!

*(As Ilhas Desconhecidas)*

## A COSTA DA MADEIRA

Do Funchal para o sul a costa é quase sempre cortada a prumo: Santa Cruz, e lá no alto o Senhor da Serra; uma fenda enorme por onde entra o mar — Machico, e logo o

Caniçal à beira da água e o relevo caprichoso da Ponta de S. Lourenço. Para lá do cabo começa a costa norte, a parte mais selvática, mais verde e talvez a mais bela desta ilha tão variada e decorativa. Ao fim da tarde os morros formidáveis vistos de bordo sucedem-se num cenário espesso, que se desenrola em manchas escuras, com um resto de fuligem de sol pegado àquela imensidade, que nessa hora ainda parece mais vasta. A Madeira é um maciço de serras cortadas a pique na costa oeste, descendo até ao mar na costa norte e mais cultivado nos vales e gargantas inundados pelas águas.

O interior da ilha é montanha em osso, com excepção do Paul da Serra. A parte onde se fazem as culturas ricas, a mais agasalhada e onde não cai neve, a que eles chamam folhelho, é o sul, que produz a cana no litoral e a vinha nas encostas. No Curral das Freiras — cordilheira central —, curioso vale de erupção, ravina enorme apertada entre vertentes alcantiladas, com profundidades que metem medo e que vão até oitocentos metros, deparam-se povoaçõezinhas perdidas, o Livramento, a Fajã Escura, o Curral, etc. Este sítio revolvido e dilacerado explica talvez a formação da ilha, onde se encontram mais vestígios de crateras, com indícios de erupções relativamente recentes, nos charcos de Porto Moniz, na Caniça, no Caniçal, etc.

Desfilam ainda diante de mim as gargantas apertadas, só sombra, e uma encosta iluminada a toda a luz — profundas vertentes alcantiladas, num rasgo a prumo — cerros pedregosos gerados pela erupção, a ribeira que escorre no sopé dos picos Ruivo e Canário — aldeiazinhas tão isoladas no alto de morros — o Pico da Figueira, o Curral, a Fajã Escura — barrancos formando o leito de torrentes — terrenos desolados e pedregosos, por onde deve andar o diabo em dias de vento. Depois outra vez a paisagem se modifica: os montes figuram castelos arruinados e ferozes da Idade Média. É outra a vegetação — loureiros e o til nos fundos onde encharca a humidade. Desolação e surpresa, contrastes, amplos cenários de serra e mar, como no alto do Senhor da Serra, onde os

pulmões são pequenos para se encherem daquela atmosfera perfumada. Agora o sítio triste entre penedia negra, e cheirando a peixe, da Câmara de Lobos, logo algumas aldeias, à beira de pequenos retalhos cultivados, com molhos de lenha secando à porta das choupanas. As vezes um açude para a rega, a greta donde escorre a água, e lá para o fundo o abismo, com um espigão tremendo ao lado, que faz sombra e pavor: há sítios destes no Curral onde o sol só entra durante cinco ou seis horas por dia.

*(As Ilhas Desconhecidas)*



## O HOMEM

---

## O HOMEM DE AVEIRO

O homem nestes sítios é quase anfíbio: a água é-lhe essencial à vida e a população filha da ria é condenada a desaparecer com ela. Se a ria adocece, a população adocece. Segundo Pinho Leal, em 1550, Aveiro tinha doze mil habitantes e armava cento e cinquenta navios. A barra entulha-se, a terra decai. Em 1575, com a barra outra vez entupida, os campos tornam-se estéreis e a cidade despovoava-se. A alma desta terra é na realidade a sua água. A ria, como o Nilo, é quase uma divindade. Só ela gera e produz. Todos os limos, todos os detritos vêm carregados na vazante até à planície onde repousam. Isto é água e estrume, terra vegetal que se transforma em leite e pão. Palpa-se a camada de terra gordurosa sobre a areia. E além de fecundar e engordar, a ria dá-lhes a humidade durante todo o ano, e com a brisa do mar refresca durante o Estio as plantas e os seres. Uma atmosfera de humidade constante envolve a paisagem como um hálito.

*(Os Pescadores)*

## RESTITUTA DA PIEDADE

Donde emerge esta figura encharcada de lama, menos a sombrinha, que, apesar da dor, conseguiu atravessar incólume todos os solavancos? A que se atreve depois de ver o

filho? Cheguei a ter a visão nítida da montanha de pó acumulada sobre ela, e do desespero imenso para a romper.

Sabe tudo, vai dizer tudo. Tem ali as cautelas do prego e a malinha de mão onde levava escondidos, a enterrar, os fetos da D. Engrácia; só ela pode desvendar os vícios ocultos e o sítio onde a D. Biblioteca tinha a sua fistula. Conhece as misérias e os segredos das famílias correctas. Vai enfim dizer tudo, quando lhe surge o filho que não via há anos. Ei-lo criado de orgulho e de côdeas. Submete-se logo, mais coçada e mais gasta, diante daquela obra-prima real e tangível. — Pois sim, pois sim... — Aí tens tu o teu sonho alimentado de côdeas e transformado em realidade. Aí está patente o sonho que sonhaste com inveja, o sonho que sonhaste com fel, aos ais, com a boca tapada, o sonho feito de farrapos, que ocultaste de toda a gente para poder viver. Aí está patente, à luz do sol, como os sonhos dos outros, de ambição e de império, o sonho que ninguém viu sonhar, e que sustentaste à custa da tua própria alma — ó Restituta da Piedade Sardinha!

... — Sejamos lógicos, mãe — diz ele —, na vida é preciso ser lógico. A mãe criou-me escondido, eu, por meu lado, disse sempre que não tinha mãe. Não hei-de agora que vou casar apresentá-la: — «Aqui está a minha mãe que me criou de esmolas, que me criou escondido.»

(Húmus)

## NATAL DO CAVADOR

Natal...

Está um dia fosco de neblina incerta e tristeza. Para lá as árvores despidas não bolem. A vida parou. As nuvens andam a esta hora a rasto pelas encostas pedregosas dos montes. Não se ouve um grito. Tudo na natureza se concentra e sonha. Há entanto um grande rio revoltado que nunca cessa de correr...

Longe pelos caminhos, através de pinheirais cismáticos e calados, vão velhinhas tristes, de saia pelos ombros, para consoar nesta noite com os filhos. Andam trôpegas léguas e léguas. As suas mãos calosas, as caras enrugadas, onde as lágrimas abriram sulcos, os olhos tristes, contam o que elas têm passado na vida, dias sem pão, suor de aflições, desamparos, maus tratos...

Os cavadores deixaram os arados mortos nos campos, que a chuva alaga. Que tudo repouse. O vinho de hoje conforta, como as lágrimas choradas pelas nossas desgraças, o lume de hoje aquece como o amor de nossas mães.

*(Os Pobres)*

## O GATO-PINGADO

O gato-pingado... Ei-lo que sobe. Cada passo me lembra uma pãzada de terra. É soturno este homem, esguio e magro, com o chapéu alto embrulhado no lenço do rapé e a casaca dobrada no braço. Nunca fala. Estou mesmo em dizer que não pensa, este avejão que só sai para os enterros. Deve ser mau, deve ser duro: nunca decerto chorou. Os garotos apedrejam-no quando passa pela rua, esguio, vesgo, de chapéu alto e casaca. Aposto que, quando arrancam das casas os caixões como quem arranca o coração dos vivos, ao ouvir gritos, tem o riso interior de quem está farto de viver só, arredado e humilhado... Gato-pingado! Gato-pingado! Vive de lágrimas, sustenta-se de dores. E quando vai, de tocha acesa, esguio, a galgar atrás de um carro funerário, na reles mascarada, em que irá ele a pensar, esbaforido e triste?...

*(Os Pobres)*

## O PESCADOR DE OLHÃO

O marítimo de Olhão tem, como nenhum outro, um grande sentimento de igualdade: estende a mão a toda a gente. É que no mar os homens correm os mesmos perigos. São também profundamente religiosos, porque estão a toda a hora na presença de Deus. Duas tábuas, a fragilidade e a incerteza, forçam-nos a contar consigo e com a companha. Arriscam a vida para salvar a dos outros: hoje por ti, amanhã por mim. Homens simples porque a profissão é simples e o meio, grande e eterno, não os corrompe. E como o mar abundante e pródigo não tem cancelas, são generosos, imprevidentes e comunistas. Detestam os tribunais, que não compreendem, e ignoram a vida da terra. Se a mulher lhes morre, não entram em licitações com os filhos: deixem-lhe a ele o barco e as redes, e tomem conta do resto. Reparei que em todas as casas havia uma gaiola com um pintassilgo. Os homens do mar tiveram sempre uma grande ternura pelas aves. Na Foz também era assim. Quando os via passar para o Monte com o chamariz, o alçapão e o ramo, lembrava-me sempre de um velho marítimo colérico e um pouco funambulesco da vasta galeria de Dickens. Voz de tempestade e rajadas desabridas. Passeava por toda a parte uma grande irritação e acompanhava-o por toda a parte um canário domesticado, que não lhe tinha medo nenhum, porque sabia perfeitamente que sob aquele aspecto de ferocidade se escondia uma alma feminina. O rude pescador de Olhão, que passa a existência no mar, também tem necessidade de uma ave e não pode viver sem a sua companhia...

*(Os Pescadores)*

## O JORNALEIRO ALENTEJANO

Aqui, na povoação, vivem os jornaleiros que trabalham nos ferragiais e nos coutos à volta da vila. Vivem e não desesperam... Olhem para as pequeninas casas brancas como túmulos. Já uma vez espreeitei para dentro de uma: era encantadora, dividida ao meio por um arco cenográfico e com uma escadinha de pedra caiada subindo para a alcova. Nesta casa de fora só se via cal sobre cal nas paredes nuas, a chaminé e a lareira — mas a brancura e o fogo a arder davam-lhe um encanto que não se encontra em nenhuma outra habitação do País. Na cantareira reluzem cobres. Vermelheja o lume num resto de velha mó. Para não sujar a parede usa-se um pedaço de pote que se chama caqueiro. E de um lado e do outro duas cadeirinhas convidam a conversar mais baixo. Não há um sarraço. A chaminé é caiada todos os dias, a casa todas as semanas, chegando a camada a atingir com o tempo duas polegadas de espessura. São as mulheres que fazem este serviço. São elas a alma do lar branco, as figuras esguias que passam com infusas equilibradas na cabeça, vestidas de escuro, xale em bico, que no trabalho cruzam à cinta e atam atrás das costas. O homem vai trabalhar para o *monte* e vem ao sábado encontrar a casinha imaculada e as duas cadeiras na chaminé à sua espera. Nenhuma outra mulher em Portugal tem mais radicados sentimentos de honestidade. Contam-se os casos de raparigas que, havendo sido enganadas, tamanho desgosto e perturbação sentiram da sua desgraça, que se atiraram a um poço. São unidos e simples. Ele é franco e destemido. Ninguém bate à sua porta que não ouça a voz grossa dizer lá de dentro:

— Entre quem é e chegue-se para o lume.

(*Portugal Pequenino*)

## MORTOS E VIVOS, NO CORVO

Agora sei porque estes homens com fisionomias de painéis, ossaturas enormes e mãos gretadas, me metem medo... Sua expressão é diferente — a expressão de ser que vive sob o jugo de ferro do tempo e das necessidades primitivas. Também já sei o que há no Corvo de importante: não são os costumes toscos nem a vida grosseira — o que há aqui de importante é a Vida: mortos e vivos formam um corpo. Mortos, vivos e pedra. Mortos, vivos e Cristo. Somos completamente diferentes nas palavras, nos sentimentos, nas ideias. Qual de nós é melhor? Qual é a verdadeira vida? A deles ou a nossa?... Noutra parte suprimo e arredo estas ideias — como suprimo e arredo o tempo. Mas aqui tenho sempre presentes a ideia de Deus e a ideia da morte e vejo o tempo medir minuto a minuto na ampulheta a vida que passa. A ilha é pobre e escavada, o silêncio mete medo, e o isolamento completo e fechado em roda pelo mar atormentado. Na verdade eu não podia viver como estes homens, mas na hora da morte queria ser um destes homens.

*(As Ilhas Desconhecidas)*

## A VIDA E A TERRA

O desabar da chuva lá fora di-lo-íeis não exterior, mas ligado ao teu próprio ser: são lágrimas que tenho ainda para chorar. Da escuridão opaca ressurgem e rodeiam-me os mortos: o montante que rachou a alvenaria e os cavadores que lavraram a mesma terra e curtiram a mesma dor. Este cheiro a pobre, estes traços corroídos pelas lágrimas, estes tipos amolgados pela desgraça, povoam-me a noite toda e dizem bem com o desabar ininterrupto de lágrimas lá fora. Outra coisa exprimem as figuras denegridas que vão aparecendo por trás da figura da Joana...

Some-se a mulher da esfrega, e primeiro vem um velho que mói e remói obstinado uma côdea de pão. O pai de Joana tinha oitenta anos quando morreu. Deram com ele caído sobre o lar, levaram-no em braços para a enxerga. Quatro paredes, duas caixas de castanho, e junto ao catre, junto ao peito, a pedra seca, o granito. Uma mulher desata aos gritos debruçada sobre o catre:

— Vossemecê conhece-me? Vossemecê conhece-me?

Os olhos não se lhe despegam da arca. Ao fim da vida tem de seu o alvião, a enxada e a manta no fio, A cabeça branca mirrou, a pele é como a crosta que calcamos. Tem não sei quê de raiz, tem não sei quê de tronco, afora os cabelos brancos que o tornam humano. O tempo revestiu-o da mesma cor dos montes. Desabituiu-se de falar, e pela grandeza e pelo silêncio só o comparo à pedra. Tudo isto foi pedra. Ele e os seus, a poder de anos, moeram-na. Sua vida está ligada à vida da terra. Criou-a. A terra só falta comê-lo.

Terra, terra negra e ingrata, terra de detritos de rocha e mortos, poeira de árvores, suor de pobres, terra que tudo gastas e consumes, há muito que o fizeste teu igual. Nem sei distinguir-vos, mãos como pedras, pele como a tua pele.

A terra come e desgasta. A terra apega-se e encarde. Deforma-o. De revolver a terra criou cascão e um olhar profundo. Só o comparo a Cristo, a um Cristo que tivesse vindo até à velhice, de desilusão em desilusão e de desamparo em desamparo.

(Húmus)

## UM POVEIRO

De entre os muitos poveiros que vinham à Foz, à taverna ou à fonte, houve um, o José Libó, que se me afeiçoou. Um dia dei-lhe uma navalha velha e ficou meu amigo para a vida e para a morte.

Era um colosso. Dois olhinhos sumidos na cabeçorra, mãos enormes, braços como trancas e um corpo maciço e quadrado a que ele, desajeitado, não sabia o que fazer. Na taverna enfumada da Cantareira era eu quem lhe escrevia as cartas para a namorada.

— Ponha lá, senhor Arriúlo...

Ponha lá o quê?... Não dizia mais palavra. Só olhava para mim suando de aflição. Mas era tanta a ternura nos seus olhos, que se estabelecia entre nós dois uma espécie de comunicação magnética... Tenho perdido tudo. Deixei passar por mim as melhores coisas da vida quase sem dar por elas. Também perdi, com indiferença, a cópia dessas extraordinárias cartas de amor de um poveiro a uma poveira. Ele trazia na cesta, com o pão e o conduto, o papel dobrado para a carta e sentava-se na minha frente, com a cabeça vermelha de ruivo apertada entre as mãos como cepos. E olhava-me numa imensa aflição: — Ponha lá, senhor Arriúlo — à espera que eu encontrasse as palavras mágicas com que havia de enternecer o coração da Josefa Pernetá.

— Queres que diga mais alguma coisa, José?

Ele, fascinado, acenava com a cabeça que sim.

— Mais alguma coisa... Ponha lá, senhor Arriúlo.

Isto estabeleceu entre nós, que pouco tínhamos que comunicar, porque o José só sabia a meia dúzia de palavras necessárias à sua profissão e à sua vida muito simples, uma amizade que só acabou quando o poveiro partiu para Moçâmedes, já casado. Bateram um dia à porta da viela: era ele que vinha despedir-se — e que tomava todo o espaço das ombreiras, com um saco de conchas, um bicheiro novo e duas pescadas enormes. As pescadas comi-as, deitei fora as conchas, e o bicheiro conservo-o a um canto do meu quarto, à espera de ver que destino Deus lhe reserva...

(*Os Pescadores*)

## A RATA DE SOBREIRAS

Conheço na Foz esta mulher a quem chamam a Rata, corcovada, com uma saia pelos ombros a apanhar o peixe roído que lhe atiram por esmola — um cação, uma raia ou uns punhados de sardinha em dias de fartura. Velha, dura e negra, cheirando a peixe entranhado nos farrapos e a sail de sardinha, vive na Corguinha entre pedaços de rede e de tábuas que o mar atira à costa. Passa o Inverno na ressaca a apanhar o moliço com as mãos. Não tem ninguém. Não fala nem pede. É a Rata, que corre as linguetas mal chegadas as catraias e os batéis. Uma vez perguntei a um velho meu amigo, que está sempre de cachimbo na boca, quem ela era.

— Não sei, é a Rata.

Morou muito tempo em Sobreiras — e era a Rata de Sobreiras. Depois mudou para a Corguinha, onde vive num buraco que empesta a graxa de peixe e a raias escaladas. Passam-se às vezes semanas que ninguém vê essa figura descarnada, suja, com a saia de remendos pelos ombros. Mas chega o Inverno, e nos dias de perigo a Rata é a primeira a aparecer. No céu lívido, espumas que o temporal atira à costa. O camaroeiro içado. Nos penedos, os grandes rolos coléricos despedaçam-se em ribombos que ecoam, erguendo até ao céu esguichos de água com laivos amarelos dos fundos. A voz é temerosa. Os homens estão em perigo. Aparecem as mulheres desesperadas. Já se sabe que vai morrer alguém.

*(Os Pescadores)*

## RALE

Noite de chuva, desta chuva miúda que enlameia e entristece como uma angústia. Na rua Sofia passa com o xale de rastro. Há um clarão de tochas à porta. Vai sair um enterro. Morreu o pequeno do gato-pingado. Trouxe-a para

casa uma noite, a essa criança que encontrou caída na rua, Um rapaz de dez anos, abandonado e com uma pneumonia... Que lhe queria o gato-pingado fazer, não me dirão?...

Estava a chorar. Deu-lhe para chorar sobre o caixão de um garoto, que não lhe é nada. Ele que não tem onde cair morto, chora o pão que tiraria à própria boca para o dar a outro.

Morreu-lhe ontem. É decerto um gato-pingado a menos. Primeiros farrapos da noite a esvoaçar, dessa noite de Primavera negra, em que todos se põem a contar baixinho os seus sonhos à escuridão.

— Deitam flor à noite... — diz o Astrónomo.

A treva entupe os buracos das ruelas. As tochas têm debaixo da chuva sinistros clarões de incêndio. Vai uma balbúrdia na rua e o redemoínho da noite traga o bairro acastelado. Eis o enterro. Vão mulheres perdidas e uma velha a tossir, vai o Astrónomo, e na frente de um caixão de passarito, comboiando a turba, lá marcha o gato-pingado, de brandão em punho, chapéu alto e casaca a esvoaçar... A que irão eles deitar fogo na noite trágica, de lama e chuva? Mulheres perdidas, ralé, o velho tísico...

*(Os Pobres)*

## GENTE DA VILA

Reparem, vê-se daqui a vila toda... Lá está a Adélia, o Pires e a Pires como figuras de cera. Ninguém mexe. Num canto mais escuro a prima Angélica não levanta a cabeça de sobre a meia. Tanta inveja ruminou que desaprendeu de

falar. Chega o chá, toma o chá, e apega-se logo à mesma meia, a que mãos caridosas todos os dias desfazem as malhas, para que ela, mal se erga, recomece a tarefa. Um dia — uma semana — um século — e só o pêndulo invisível vai e vem com a mesma regularidade implacável — p'ra a morte! p'ra a morte! p'ra a morte!

Passou um minuto ou um século? Sobre o granito salitroso assenta outra camada denegrida, e as horas caem sobre a vila como gotas de água de uma clépsidra. De tanto ver as pedras já não reparo nas pedras. A morte roda na ponta dos pés e ninguém ouve seus passos. Todos os dias os leva, todos os dias toca a finados. O nada à espera e a D. Procópia a abrir a boca com sono, como se não tivesse diante de si a eternidade para dormir. Tudo isto se passa como se tudo isto não tivesse importância nenhuma, tudo isto se passa como se tudo isto não fosse um drama e todos os dramas, um minuto e todos os minutos...

Não há anos, há séculos que dura esta bisca de três — e os gestos são cada vez mais lentos. Desde que o mundo é mundo que as velhas se curvam sobre a mesa do jogo. O jogo banal é a bisca — o jogo é o da morte... O candeeiro ilumina e a sombra rói as fisionomias, a majestosa Teodora, a Adélia, a Eleutéria das Eleutérias, o padre. Salienta-se do escuro uma boca que remói, a da D. Biblioteca: os padres exaltam-na, a Igreja exalta a sua caridade, que rebusca a desgraça para lhe dar três vinténs. Só distingo, despegadas dos crânios, as orelhas do respeitável Elias de Melo e do impoluto Melias de Melo, lívidos como dois fantasmas. Ambos regulam a consciência como quem dá corda a um relógio. Dívidas são dívidas. A D. Leocádia põe acima de tudo o seu dever, e leva para casa uma órfã a quem sustenta e que lhe entrapa as pernas. A luz do candeeiro ilumina-lhe as mãos ósseas e secas que enchem a sala toda e o mundo todo... A D. Procópia odeia a D. Biblioteca, mas nem ela sabe o que está por trás daquele ódio, contido pelo inferno. Toda a gente as habitua à vida. Matar matava-a eu, mas várias palavras me detêm.

Detém-me também um nada... Chegamos todos ao ponto em que a vida se esclarece à luz do inferno. Mas ninguém arrisca um passo definitivo.

Tudo isto parece que flutua debaixo de água, que esverdeia debaixo de água. Não sei bem se estou morto ou se estou vivo... Decorre um ano e outro ano ainda. O relento sabe bem, e o tempo passa, o tempo gasta-as como o salitre aos santos nos seus nichos. Se o desespero aumenta não se traduz em palavras.

*(Húmus)*



# O TRABALHO

## O PASTOR BEIRÃO

Todos os anos os pastores vendem o refugio nas feiras de Arcozelo, Carrapichana, ou na feira anual do Senhor do Calvário, em Gouveia. É aí que os vejo, ou no largo ou no caminho da ermida, com os rebanhos e os cães. O pastor conhece todas as reses e elas conhecem o pastor. São marcadas com a pega no lombo. Ele vai adiante e nem sequer repara se o seguem: muito juntinhas caminham atrás e não levantam cabeça. Quando paradas, encostam-se umas às outras remoendo, e ao lado um cão peludo, de coleira com pregos e olho desconfiado — olha para a direita, olha para a esquerda, não vá fugir alguma. Entre tabuleiros com doces, acampamentos de ciganos debaixo do toldo improvisado, passa o tambor e a gaita de foles — e os pastores abrem uma boca de riso. De madrugada chegaram os rebanhos chocalhando pela rua, as mulheres com canastras de pimentos e de pão. Calor. A manhã de sol ardente devora o hálito da paisagem que começa a desvendar-se lá no fundo, de um azul entranhado no arvoredado, nas casas, e que vai até à imensidão. É diante deste espectáculo que o retratista se atreve a adiantar uma perna, preparando a máquina para a roda de admiradores. Aparecem os pobres das romarias mostrando as chagas e as cabeças ulceradas e românticas. Tarde. Vai sair a procissão. Uma música e foguetes de dinamite estoirando lá em cima. Corre o poviléu para o Calvário. Lá vem aquele

Cristo chagado e tremendo, pregado na Cruz a escorrer sangue. Lá vem a Senhora e S. João Baptista, imagens grosseiras, muito feias, que representam a alma deste povo. Se fossem belas não me inspiravam terror. O que eu via nelas era o Teixeira Lopes, não eram os pastores e as mulheres que andam de joelhos à roda da capela até ficarem sem pele... Acendem-se os primeiros lumes. Lá para o fundo fica a imensidão dos campos verdes, os pinheirais, o mundo estendido a nossos pés; cá em cima o povo, os pastores, a romaria e a procissão que recolhe. Brillam as estrelas no céu e as mulheres cozinham a ceia ao ar livre.

*(Portugal Pequeno)*

## O PEIXE NO RIO

Atrás de nós fica uma larga estrada de prata. Na poalha de oiro que cai do céu, descubro um risco indeciso: é a terra. Primeiro nuvem distante. Um momento e acentuam-se os traços deslavados da areia. Mais cor agora... É a terra, a princípio desvanecida e roxa e depois verde nos eternos pinheirais. Um areal doirado, um ponto branco que estremece — o Senhor da Pedra. O vento enche a vela e, pouco e pouco, todo o panorama transparente sai do mar a escorrer tinta. No fundo ergue-se a costa com manchas escuras dos pinheiros, que não se distinguem ainda. Faisca envolta em névoa a brancura das casas, e toda a larga paisagem renasce diante de mim com cores fracas de aguarela. A terra voluptuosa — cabedelo d'oiro, montes pálidos, que saem da água como seios — entreabre-se para nos acolher. Eis os gigantes braços de Leixões, tão leves que a luz os trespassa, a penedia afiada de Carreiros onde o mar escachoa, e o pontilhão coberto de espuma. Ao sul Lavadores, o areal de Espinho, bruma afastada e cor de cinza. Cai a tarde, vamos entrar a barra. Quase toco de um lado no velho castelo

roído de salitre e do outro no bico do cabedelo, onde as gai-votas apanham o último sol, com os pés metidos na água. Vem a vaga e alastra-se, vai a vaga e a espuma referve na areia molhada, de um oca mais escuro.

As mulheres correm pelo cais:

— Quantas dúzias? Quantas dúzias?

Mas os homens não respondem. De pé, nos bancos, com os barretes na mão, entoam o *Bendito*. Escurece. É o momento em que a luz desmaia, em que a cor é transparência e a natureza se esvai entontecida. As tintas são pó de tinta, os montes são fantasmas, e o rio um grande lago azul. Já sei: o mundo é azul... Fios de ouro perdidos na Outra Banda estremeçam e vão desaparecer. Nas lanchas arribadas alarido de poveiros. O grande pano sem vento cai sobre os bancos e é o último impulso que nos traz, no jorro da enchente, que entra pela barra cheio de espumas. O rio não tem consistência — voltou-se o céu, e nós vogamos numa poeira roxa que a todo o momento se transforma. Agora é lilás o mundo, é violeta, é um sonho que se some pouco e pouco e que a noite vai tragar.

O peixe é atirado aos montões para as pedras, e as mulheres da lingueta, os homens de dentro do barco, cada um segura pela ponta as suas redes, lavando-as no rio.

(*Os Pescadores*)

## PESCA NA PÓVOA DE VARZIM

O poveiro não usa faca, mas é terrível e certo com pedras na mão. Ou porque lhe cortassem a caça, estragando-lhe as redes, ou porque andassem de rixa velha, havia às vezes no alto mar verdadeiros combates entre poveiros e são-joaneiros. Os barcos avançavam uns para os outros à força de remo e a pedrada fervia. Os da Póvoa, que são, creio eu,

os únicos pescadores que usam pedras em lugar de chumbeiras, levavam sempre a melhor. Às vezes chegavam a abor-dagem, de remos no ar, numa algazarra feroz, e havia feridos e até mortos.

O poveiro ignora tudo fora da sua profissão, mas essa conhece-a como nenhum outro pescador. Sabe onde está o banco da sardinha pelo voo do mascato, que lá do alto cai a prumo sobre o cardume; quando ela anda terrenha, isto é, perto da costa, e torneira ou à flor das águas. Sabe a palmas o mar da Cartola que dá a pescada, o da Ferralhuda, que dá a raia, o da Gata, que dá raia e cação, o Bianco, o Lameirão, etc. Acima de tudo está Deus, e para eles o Senhor do Mar é que dá a fome e a fartura.

Na Póvoa há o homem livre e o homem empregado, isto é, o que traz redes de outra pessoa. O homem livre leva para a pescada três cartéis, que fazem uma rede; o homem empregado leva cinco cartéis; o mestre oito a dez, sendo três para o barco, três para ele, uma rede para a lancha e outra de ferrar a bóia. A lancha leva também uma rede da Senhora, a rede de mais a mais, a rede de beber e outras. No batel de sardinha o pescador leva duas redes.

*(Os Pescadores)*

### «LÁ VAI A ARÇA!»

Iá de cima do poleiro o vigia ergueu-se de salto, deu sinal de baleia à vista com o búzio e todos os homens desataram a correr para as canoas. Nas Lajes, noutro dia, saía o enterro de um baleeiro morto no mar, quando do Alto da Forca anunciaram o bicho. Ia tudo compungido — ia a mulher compungida e os pescadores compungidos, o padre, o sacrista, a cruz e a caldeira — iam aqueles homens rudes e tisonados em passo de caso grave e fatos de ver a Deus — e

logo a marcha compassada parou instantâneamente e mudaram instantâneamente de atitude: ficou só o padre com o latim engasgado e o caixão no meio da rua, e os outros, enrodilhados, levaram o sacristão, de abalada, até à praia. Baleia! Baleia!... Deixam o casamento ou um enterro em meio, um contrato ou uma penhora, as testemunhas e a justiça, e correm desesperados a arriar a baleia. No Cais do Pico e nas Lajes ninguém se afasta da praia. Estão sempre à espera do sinal e com o ouvido à escuta, os homens nos campos, as mulheres nos casebres. E enquanto falam, comem ou trabalham, lá no fundo remói sempre a mesma preocupação. São tão apaixonados que até este cheiro horrível, que faz náuseas e que se entranha na comida e no fato, lhes cheira sempre bem.

— Baleia! Baleia!

E toda a população acode aos barcos. Vejo daqui a fiada de casas à beira da estrada, o cais de embarque com o gorduroso barracão de madeira, tudo negro, enfumado e fétido, e por toda a parte, nas pedras escorregadias e na água azul, vértebras, carcaças boiando e restos ensanguentados que cheiram a podre que tresandam.

— Nosso Senhor vá com eles!

— Nosso Senhor lha dê sem perigo! — dizem as mulheres.

— O pão do meu José vai na canoa! — grita outra, debruçada para os homens que empurram o barco a toda a pressa.

— E aquela canoa não larga?

— Está à espera do trancador.

Já um grupo de velhos, com a mão enconchada sobre os olhos, espreita para o largo, a ver se descobre os esguichos de vapor que o bicho resfolga.

O mar desmaia, mais etéreo que o céu, diluindo pouco e pouco no azul o doirado das nuvens. Uma luz difusa estremece no arrepio da superfície. É uma manhã delicada — um pedaço de céu azul-claro que se não distingue do mar azul-claro. Ao fundo vapores esparsos, à direita flocozinhos bran-

cos por cima de S. Jorge, e para o largo pastadas grossas e imóveis que a primeira luz da manhã ilumina. Acolá um farrapo de névoa embrulhou-se na água de um azul quase cinzento e não a larga: o Faial, a distância, é uma mancha transparente, e o Pico passa a meus olhos por diferentes gradações, desde o azul nascido ao violeta. Névoas prendem-se aos calhaus negros, aos montes dramáticos, ou derretem-se de repente na água em rápidos chuveiros. No céu há um azul entre as nuvens tão ensaboado que mal se distingue, um azul entre nuvens azuis estendidas, com interstícios mais claros, e logo por cima pequenos estratos amontoados... Mas tudo isto desvanecido, tudo isto através da neblina quase a desaparecer. É uma manhã para se respirar, devagarinho. O mar é ainda neblina, o céu todo neblina; só anda algum azul misturado ao branco e alguma luz que se coa pelas nuvens...

.....

O mar cinzento com espaços lisos de um cinzento-dourado reflectindo a cor das nuvens, e ao fundo, quase tocando o céu, uma grande superfície toda azul... Vem o bando por aí abaixo num azul que é azul e acção. Vêm todas do oceano glacial como se viessem da fonte da vida. E sentem a felicidade inconsciente da frescura que as rodeia, da água azul nascente em jorros sobre jorros, que lhes comunica energia, vibrando todas com ela. Não têm uma arte, uma filosofia, um negócio a tratar. Vivem pela pele, vivem com a água que vive. Vêm aos saltos unidas e cortando o grande mar, nas manhãs brumosas, nas tardes de oiro, imensas como o universo e todas de oiro, nos dias de tempestade, que se fizeram para dançar à tona das ondas furando o cachão branco e vivo — outro cachão ao longe — ou nas tardes de mar calmo, criadas de propósito para boiar e dormir, no oceano e no mundo todo azul, que também adormece e repousa. Um bicho isolado bóia. Dorme ou digere. Parece um penedo escuro à flor das águas... Um ah! Estamos nas primeiras horas da vida. A claridade espelha-se e escorre no

dorso escuro e molhado. O barco aproxima-se sem ruído, o arpoador à proa, com o arpão erguido e seguro nas duas mãos, firme nos pés e na atitude de arremesso. É um ferro com setenta e cinco centímetros e dois metros de cabo. Ao lado, no barco, vai a lança, que é maior, para acabar este monstro do tamanho de um prédio. Mas o homem impressiona-me ainda mais que a baleia: é tremendo, de pé, minúsculo, com a vida no olhar e nas mãos. No barco está tudo calado e ansioso, ninguém diz palavra inútil: homens, barco, arpoador e arpão, tudo tem o mesmo corpo e a mesma alma. São sete, dominados pela ação, trespassados pelo ar e por este cheiro que penetra pela boca e pelos poros, gerador de energia — é um ser único, só nervos e vontade, à caça do monstro e com uma ponta de perigo que seduz — sem falar do negócio, que é excelente. Todos ganham: uma baleia dá muito óleo e o óleo dá muito dinheiro. As vezes dá âmbar. Mas há principalmente a necessidade de matar, de lutar (numa vida que é mais monótona do que em qualquer outra parte — duas vezes monótona pelo mar que os circunda e pelos montes que os entaipam), de vencer as contrariedades e os perigos — sentimento com raízes no mais profundo da alma humana.

São sete couros secos, decididos, e alguns deles lavrados pelas ruas e com brancas na cabeça, e o trancador mola de aço pronta a distender-se, concentrando toda a energia no olhar e nos músculos. Esperam — ele o momento de lançar o arpão, os outros o de afastarem a canoa no mesmo impulso combinado. É um momento único.

Já outras canoas se aproximam... Mas antes que lhe tirem a baleia, o trancador lança o ferro. O bicho tem um momento de hesitação e surpresa, como o toiro quando lhe cravam as bandarilhas, o que permite ao barco desviar-se num golpe de remos, antes de ser abafado na cauda ou envolvido no redemoinho das águas. Não há um segundo de dúvida ou um movimento falso. A baleia mergulha entre vagas, com o risco de os arrastar para o fundo, e leva-os, numa velocidade de

expresso, pelo mar fora porque aquela grande massa é de uma agilidade espantosa. — Larga! Larga! Larga a manilha!... — E lá vão no curso, entre as águas rasgadas, no grande sulco aberto com violência, tomando tento na linha.

As outras canoas ficam a ver navios. As vezes há balbúrdia: todos os barcos querem trancar a mesma baleia e dirigem-se-lhe pela cauda, pela cabeça, pelos lados: já tem acontecido arremeterem às cegas sobre o bicho, encalharem-lhe no lombo e meterem-lhe o arpão na cabeça. Outras vezes um trancador impaciente, vendo fugir-lhe a presa, atira o ferro por cima do barco que está mais perto da baleia para a roubar. É o que eles chamam trancar para quebrar.

— Larga! Larga!

A baleia mergulhou. Corre agora a linha de manilha americana, muito bem enrolada dentro de duas selhas, e os homens, pálidos e imóveis, com o coração do tamanho de uma pulga, esperam. A baleia pode desaparecer durante vinte minutos. Um deles tem nas mãos, para se não cortar, um pano chamado nepa, por onde a corda passa e pelo moirão, pau saliente à proa, que chega a fazer fumo com o atrito. As vezes a linha acaba-se quando a baleia mete muito para o fundo. Se está outro barco perto, fornece-lhe mais linha, senão a baleia perde-se: têm de cortar a manilha ou são arrastados para o abismo.

— Lá vai a arça! — exclamam.

A arça é o fim da linha, e é com pena que eles a vêem acabar-se. Passam a ponta de mão em mão, até ao último tripulante, que só a larga com desespero.

— Lá vai a arça!

Pior é quando a baleia, ferida, se atira ao barco. Deita-lhe a boca e dilacera-o, voltando-se depois para os homens, de boca aberta como as feras. No outro dia, as canoas que assistiam a este drama queriam lancear o bicho enfurecido, mas os outros, nadando, berravam da água:

— Ó homens, não avancem, que ela mata-nos aqui a todos!

Em geral a baleia mergulha, vem à tona antes que se acabe a linha, e o que ela mostra primeiro é o focinho, para resfolgar. Aproximam-se e dão-lhe uma lançada ao pé da asa para a sangrarem. Mergulha, reaparece, esgotam-na e têm-na certa quando começa a esguichar sangue pelas ventas. Que visão de espanho entra nesse momento naquela cabeçorra? Há baleias que conseguem escapar e não esquecem — meses depois atiram-se aos baleeiros. Dão-lhe mais lançadas numa vozearia de triunfo. — É nossa! É nossa!... — Do corpo, dos pulmões, do coração saem jorros vermelhos. Vomita. Encarniçam-se os homens. Então aquela grande massa oscila, aderna e morre numa pasta de sangue...

(*As Ilhas Desconhecidas*)

## O RABELO AO FIO DE ÁGUA

À medida que o rabelo desce — agora com serenidade e ao fio de água — melhor se avalia o trabalho das mulheres, do rapazio nu, dos pescadores que lançam a rede à tainha ou a fsga à enguia (o sável e a lampreia sobem no seu tempo até à Barca de Alva) ou secam as redes nos varais; dos homens que carregam, atirando para os barcos o carvão, a chamiça, ou as *maroixas* de lenha rachada e amontoada nas margens. Tudo trabalha, e é para o Porto que se trabalha, é o Porto que sustenta o lavrador e o homem do rio. Arrastam-se os pesados carvoeiros em flotilha, todos negros e com marinheiros pretos como pretos da Guiné. Serra-se a madeira, vomitam fumo as chaminés das fábricas, e lado a lado o homem e a mulher esbelta remam no mesmo barco. Tudo consiste em aproveitar a maré e o vento favorável. O barco não anda se as marés são vivas, e aquele jorro impetuoso, que traz às terras calcinadas o ar do mar e o cheiro a sali-

tre, exige um esforço muscular prodigioso se apanha a embarcação pela proa. Só se desce muito bem o rio na vazante, só se sobe o rio sem esforço aproveitando o vento do mar e a enchente, depois de deixar a carga na Ribeira, trazendo outra para cima com os géneros de que se alimentam estes povos ribeirinhos.

(*Portugal Pequenino*)

## FAINA DE PESCA

Não há pescadores: quem quer peixe pega numa linha e vai pescá-lo.

— Vais ao peixe?

— Uai — como quem diz: sim.

O mar é abundantíssimo. Vi pescar chernes negros, de olhos salientes, do tamanho de rapazes, pargos, bonitos, bicudas, bocas-negras, escobares, gorazes, albafores de que aproveitam os fígados para derreterem e se alumiar. Também vi apanhar bejas vermelhas com uma mancha escura no dorso (o macho), e a fêmea cinzenta, o goidão azul, que tem muita espinha, garoupa, lambaz, rainha, castanha, patuscas, rocaz e carapau. A tripulação divide a pesca em quinhões iguais, que se chamam soldadas. E além da linha usam a tarrafa, atirando-a à água, e segurando a ponta da corda no braço. Há aqui muitos velhos que vão ao mar como rapazes talvez porque vivem ao ar livre e se alimentam de leite. O Xexa tem noventa e três anos, a Catarina Vicente noventa e um, a Ana Canoca noventa e seis, e os cabelos pretos, a Machada oitenta e cinco, o Fraga e o Lourenço Jorge oitenta e sete. Um deles diz-me, rindo com a boca desdentada: — Eu não tenho dentes nem para que os queira. — Bebe leite. Se estão doentes, metem-se na cama, sustentam-se de leite e esperam a saúde ou a morte.

(*As Ilhas Desconhecidas*)

«A RASTO PELA AREIA  
ENTRE LAIVOS VERDES...»

No alto o azul, no fundo o mar que desmaia e se dissolve em oiro no horizonte. A brasa do sol ao mergulhar vai fazer explosão. Não há uma nuvem no céu; temos hoje o raio verde com certeza. No areal os eternos rolos brancos espriam-se e sucedem-se da Costa Nova ao cabo Mondego. Já se vêem ao lume d'água as primeiras bóias da rede, os arinques, e a faina não cessa pela areia fora. Grupos enovelam-se. Muito longe, os bois puxam outras redes. Uma junta foge e aumenta a confusão. Lá em cima, no dorso do monte doirado, os carpinteiros de machado remendam dois esqueletos de barçaças... Vêem-se agora as pandas: juntam-se os cabos e a boca da rede cada vez se aperta mais. A vida atinge o auge. — Arriba! Arriba! — Todos deitam as mãos às cordas. Corre o mulhierio. Rapazes quase nus metem-se à espuma e agarram a rede. Os bois espicaçados parecem compreender que o momento é decisivo: — Eixe! Eixe! — E lá em cima retesam os músculos no último esforço. Depois largam o cabo, correm ao fundo, entram na água, que esguicha, guiados pelas cachopas d'aguilhada no ar e salpicadas de espuma. Aí vêem outros: desligam-se e tornam logo arriba. Mais depressa! Mais depressa sempre! A onda enconcha, com um friso refervendo-lhe na crista a desabar — e bois, cachopas, homens quase nus, agarram o saco, inundados de espuma que os envolve. O último esforço... Dois rapazes saltam na água e apertam a boca do saco com uma corda para o peixe não fugir. — Eh! Eh! — Mais gritos. O mar, cada vez mais impetuoso, rebenta sobre o areal, rolo atrás de rolo, e os homens e os bois saem a correr do vagalhão de espuma... Foi diante de um quadro assim que Ferdinand Denis exclamou assombrado:

— Que estranho país é este onde os bois vão lavar o próprio oceano?!...

As mulheres e os almocreves excitados deitam a mão à rede e o sacco sai da água, a rasto pela areia entre laivos verdes que escorrem...

(*Os Pescadores*)

## SALINAS DE AVEIRO

Tudo aqui é pobre e humilde mas não grosseiro. Os homens trigueiros, secos e fortes, e as mulheres bem lançadas. Mesmo as feias têm um ar de distinção. A família é sagrada. O contacto com a terra obriga o homem a olhar para o chão, o convívio com o mar obriga-o a levantar a cabeça. Quando saem do barco e o encalham os pescadores não fazem mais nada — deitam-se na areia. O resto compete à mulher: é ela que lava as redes e o peixe, que o salga e carrega e que faz a lavoura da Barrinha. A sorte destas famílias numerosas melhorou muito desde que a Câmara lhes aforou terrenos no areal para cultivo. São as mulheres também que, depois da sardinha disputada a lanço, a levam à cabeça para a casa da salga, grandes barracões de madeira com manjedouras encostadas às paredes para as bestas e um depósito de sal branco de Aveiro. É ali que o almocreve a salpica em fresco antes de se meter a caminho, ou as mulheres a lavam em água ensossa. Só em Mira há vinte desses barracões, onde, quando é muita, ou não tem comprador, a metem em lagares de madeira e em dornas, ficando de salmoura até chegar o Inverno — quando o homem esfaimado a estende num pedaço de pão sabendo-lhe a mais...

(*Os Pescadores*)

## PESCADORES DA NAZARÉ

Para aquém de Mira pesca-se sempre da mesma maneira e com idênticos aparelhos, na Tocha, na Costinha, em Quiaios e em Buarcos, onde há uma rede curiosa para o

robalo e sargo — a majoeira, que flutua na crista da vaga —; pesca-se na Figueira, em Pedrógão e em muitas terrinhas perdidas pela beira-mar, como no areal perto da linha Coimbra, que me deixou preso ao seu pacífico encanto e às suas casinhas térreas alpendradas. É uma terra de mulheres. São elas que a habitam e que cultivam a areia movediça, enquanto os homens, todos serradores, trabalham em Lisboa no officio. Mas a Nazaré é a terra mais importante de pescadores nesta parte da costa portuguesa.

*(Os Pescadores)*

## A PESCA NO SUL

Para o sul da Nazaré pesca-se na Foz do Arelho, onde os homens ergueram palácios em frente do mar, o que me parece fora de todo o propósito: diante do mar só uma construção transitória, uma barraca, é que fica bem; e junto à Foz, na lagoa de Óbidos, jóia azul encastoada em terras barrentas, onde se apanham magníficas tainhas. Pesca-se em S. Martinho, uma gota de água entre montes avermelhados, e lá no fundo, no gargalo da entrada, um fio branco de espuma. Pesca-se no Seixal, na Atalaia, em Ribamar, em Santa Cruz, na Assenta, na Ericeira e em Cascais. Em toda a costa há buracos, angras, refúgios em que a onda se espraia, fios de areia que parecem de oiro, águas adormecidas entre pedras recortadas, anfractuosidades, terra portuguesa que vem desde o monte da Gelfa estendendo os braços para o mar, e que aqui em Lisboa o aperta mais contra si. Estreita-o em Setúbal, e depois em Sines, e por fim em todo o Algarve, nas bacias de S. Vicente e de Sagres, no espaçoso Lagos, nas rochas decorativas, em que as despedidas se prolongam com saudade. E o mar, que é quase sempre revoltó e verde no Norte, vai pouco e pouco mudando de cor... Conhece-se logo, passado o cabo, na Figueira; depois em Peniche; quando

entra por Lisboa com majestade e beleza; e nas praias do Algarve, em que chega ao cobalto grosso como tinta. Mas onde ele atinge a perfeição é em Setúbal. Em Setúbal é imaterial. Sonha ao pé da estrada que vai a Outão, e reflecte na água cismática a sombra avermelhada dos montes, a grande curva voluptuosa com a Arrábida por pano de fundo. Ali sente-se que a água anda presa à baiazinha, a Outão e à serra. Contemplam-se e não se podem deixar. O mar não tem consistência: não é o verde do Norte, não é o caldo azul do Algarve — é poeira e luz. Para os lados do Sado a baía é ilimitada... Um clarão. E há uma época do ano em que a serra se veste de roxo, e então é que é vê-la desdobrada nesta água que é sonho e adormecimento ao mesmo tempo.

Alguns homens figam a lula, metidos na água até à cinta. Vapores carregam infatigavelmente barcos de sardinha. São montanhas que todos os dias se extraem do mar. A matança é enorme e constante. Pesca-se em Lisboa, em Sesimbra, na costa da Arrábida, em Sines, Galé, Porto Covo, etc. Só no distrito de Lisboa há doze portos de pesca marítima e dentro e fora da grande baía de Lisboa trabalham os seguintes barcos: dezoito cercos, vinte e oito vapores de arrasto, sessenta e seis barcos com setecentos e sessenta e três aparelhos de anzol; cento e oitenta barcos com mil e noventa redes — arrastos, botirões, branqueiras, camaroeiros, chinchas, chinchorros, curvineiras, covos, sabugagens, savaros, solheiras, tresmalhos e rascos.

Vão e vêm os galeões a vapor, as canoas, os saveiros grandes com doze tripulantes e que levam uma tarrafa para pescar a sardinha fora da barra, os botes e chatas, os barcos que acompanham os galeões e que se chamam buques, os saveiros pequenos com dois pescadores, que levam cinco savaras para peixe miúdo, nove sabugens, nove tresmalhos e nove branqueiras; cinco barcos com quatrocentos e onze aparelhos que pescam fora da baía.

*(Os Pescadores)*

## PESCA EM SESIMBRA

Usam-se em Sesimbra dois sistemas de pesca, a armação à valenciana, que dá a sardinha e o chicharro, e a pesca do anzol, que dá a pescada, o goraz, o pargo, o cachucho, etc., além de outras de menor importância, como a sacada, a arte de arrasto para bordo e a arte de arrasto para terra. A lula pesca-se com alfinetes, a lagosta com covos e o polvo com cacos velhos.

A armação emprega quatro barcos e quarenta homens, pouco mais ou menos, e a barca de caçada dezoito a vinte pessoas e perto de trezentas talas com anzóis. O proprietário da armação dá ao pescador dez tostões diários, e vinte por cento sobre o produto da venda, incluindo o arrais e a rodada de cinco homens que conduzem o peixe à lota, a quem é distribuído mais quinze por cento. Do peixe têm todos dois caixotes para a alimentação. Na arte de arrasto, a quarta parte da venda é para o proprietário e o resto para a companha, que paga o imposto à alfândega, o sebo, os archotes, o azeite, e, sendo o lanço grande, a renda da loja.

São mais de quinhentas as embarcações varadas no areal — barcas, botes e aialas, e além destas o batel com uma trave saliente na proa, o gavete, que serve para levantar a testa da armação.

O pescador de Sesimbra, que vai às vezes muito longe, não conhece a agulha de marear. Regula-se pelas estrelas e pela malha encarnada da serra. Lá fora, quando vêem o cabo ao nível de água, dizem que estão no mar do cabo raso, e, quando o farol desaparece, estão no mar do cabo feito. Conhecem a costa a palmo: o mar novo, que dá o peixe-espada, o mar da regueira, que dá a pescada, o mar da cornaça, que dá o goraz e o cachucho, e o do rapapoitas, que dá os grandes pargos, conhecidos por pargos de morro.

(Os Pescadores)

## O SALVA-VIDAS

O senhor piloto-mor só abre a boca para ralar. De quando em quando aquele vozeirão tremendo ecoa na Cantareira e cala-se tudo. Toda a gente tem medo desse homem seco e tisonado, autoritário e duro, de grandes barbas brancas revoltas. Ninguém se atreve a dirigir-lhe a palavra e todos os pescadores, quando ele passa como uma rajada, tiram os barretes da cabeça.

Noutro dia estiveram alguns barcos em perigo.

— O salva-vidas!...

E o salva-vidas lá desceu pelo guindaste até ao rio, mas não apareceu ninguém para o tripular.

— Então ninguém vai?... — perguntou o piloto-mor.

Mas os homens em grupo, encolhidos, não responderam.

— Então vocês têm alma para deixarem morrer ali à nossa vista?

Um mais atrevido disse por fim:

— Quem lá for, fica. O salva-vidas não se aguenta com este mar.

E o vozeirão a sair das barbas brancas:

— Pois então vou eu, com os diabos! Vou eu e fico lá.

E vou sozinho se ninguém quiser ir comigo.

Saltou dentro do barco — e com ele uma dúzia de homens.

*(Os Pescadores)*



## A VIDA E AS FIGURAS

---

## O SONHO E A DOR

Se tivesse de recomeçar a vida, recomeçava-a com os mesmos erros e paixões. Não me arrependo, nunca me arrependi. Perdia outras tantas horas diante do que é eterno, embebido ainda neste sonho puído. Não me habituo: não posso ver uma árvore sem espanto, e acabo desconhecendo a vida e titubeando como comecei a vida. Ignoro tudo, acho tudo esplêndido, até as coisas vulgares: extraio ternura de uma pedra. Não sei — nem me importo — se creio na imortalidade da alma, mas do fundo do meu ser agradeço a Deus ter-me deixado assistir um momento a este espectáculo desabalado da vida. Isso me basta. Isso me enche: levo-o para a cova, para remoer durante séculos e séculos, até ao juízo final. Nunca fui homem de acção e ainda bem para mim: tive mais horas perdidas... Fugi sempre dos fantasmas agitados, que me metem medo. Os homens que mais me interessaram na existência foram outros: foram, por exemplo, D. João da Câmara, poeta e santo, Correia de Oliveira, um chapéu alto e nervos, nascido para cantar, Columbano e a sua arte exclusiva, e alguns desgraçados que mal sabiam exprimir-se. Conheci muitos ignorados e felizes. Meio doidos e atónitos. O Nápoles ainda hoje dorme sobre a mesma rima

de jornais?... Outro andava roto e dava tudo aos pobres. O homem é tanto melhor quanto maior quinhão de sonho lhe coube em sorte. De dor também.

(*Memórias*, vol. I)

## APRENDI-O NESSE TEMPO

Esta Foz de há cinquenta anos, adormecida e doirada, a Cantareira, no alto o Monte, depois o farol e sempre ao largo o mar diáfano ou colérico, foi o quadro da minha vida. Aqui ao lado morou a minha avó; no armário, metido na parede como um beliche, dormiu em pequeno o meu avô, que desapareceu um dia no mar com toda a tripulação do seu brigue, e nunca mais houve notícias dele. Lembro-me da avó e da tia Iria, de saia de riscas azuis, sentadas no estrado da sala da frente, e possuo ainda o volume desirmanado do *Judeu* que elas liam, com o *Feliz Independente do Mundo e da Fortuna* e a *Recreação Filosófica* do padre Teodoro de Almeida. Ouço, desde que me conheço, sair do negrume, alta noite, a voz do moço chamando os homens da companhia: — Ó sê Manuel, cá p'ra baixo p'rò mar! — Vi envelhecer todos estes pescadores, o Bilé, o Mandum, o Manuel Arrais, que me levou pela primeira vez, na nossa lancha, ao largo. Há que tempos! — e foi ontem... A quarenta braças lança-se o ancorote. Na noite cerrada uma luzinha à proa; do mar profundo — chape-que-chape — só me separa o cavername. Deito-me com os homens sob a vela estendida. Primeiro livor da manhã, e não distingo a luz do dia do pó-verde do ar. Nasce da água, mistura-se na água, com reflexos baços, a claridade salgada que palpita no ar vivo que respiro, no oceano imenso que me envolve. — Iça! iça! e as redes sobem pela polé, cheias de algas e de peixe, que se

debate no fundo da catraia. Voltamos. Já avisto, à vela panda, o farolim, depois Carreiros; um ponto branco, além no areal, é o Senhor da Pedra, e a terra toda, roxa e diáfana, emerge enfim, como aparição, do fundo do mar. A onda quebra. Eis a barra. Agora o leme firme!... As mulheres, de perna nua, acodem à praia para lavar as redes, e o velho piloto-mor, de barba branca, sentado à porta da Pensão, fuma inalterável o seu cachimbo de barro. O azul do mar, desfeito em poalha, mistura-se ao oiro que o céu derrete. Mais barcos vão aparecendo, vela a vela: o *Vai-com-Deus*, a *Senhora da Ajuda*, o *Deus-te-guarde*, e os homens, de pé, com o barrete na mão, cantam o *bendito*, tanta foi a pesca. — Quantas dúzias? — Um cento! dois centos! — Nas linguetas de pedra salta a pescada de lista preta no lombo, a raia viscosa, o ruivo de dorso vermelho, ou, no Inverno, a sardinha que os batéis carregiam do mar inesgotável, estivando de prata todo o cais. Às vezes o peixe miúdo e vivo é tanto, que não bastam os almocreves com os seus burros-canastreiros, as varinas com os seus gigos, nem as mulheres de saia ensacada e perna à mostra, para o levarem, apregoando-o, por essa terra dentro. Dá-se a quem o quer, faz-se o quinhão dos pobres. Em Setembro são as marés vivas. Mais tarde cresce do mar um negrume. Acastelam-se as nuvens no poente, e forma-se para o sul uma parede compacta que tem léguas de espessura. A voz é outra, clamorosa, e, à primeira lufada, bandos de gaivotas grasnam pela costa fora, anunciando o Inverno que vem próximo. O quadro muda, e os homens morrem à boca da barra, na Pedra do Cão, agarrados aos remos, sacudidos no torvelinho da ressaca, o velho arrais de pé, as duas mãos crispadas no leme, cuspidando injúrias, para lhes dar ânimo, e todo o mulherio da Póvoa, de Matosinhos, da Afurada — vento sul, camaroeiro içado — com as saias pela cabeça, salpicadas de espuma e molhadas de lágrimas: — Ai o meu rico homem! o meu filho, que o não torno a ver! — E chamam por Deus, ou insultam o mar, que, Inverno a Inverno, lhos leva todos para o fundo.

O que sei de belo, de grande ou de útil, aprendi-o nesse tempo: o que sei das árvores, da ternura, da dor e do assombro, tudo me vem desse tempo... Depois não aprendi coisa que valha. Confusão, balbúrdia e mais nada. Vacuidade e mais nada. Figuras equívocas, ou, com raras excepções, sentimentos baços. Amargor e mais nada. Nunca mais...

(*Memórias*, vol. I)

## ACÇÃO

Teimo: há uma acção interior, a dos mortos, há uma acção exterior, a da alma. A inteligência é exterior e universal e faz-nos vibrar a todos de uma maneira diferente. Destas duas acções resulta o conflito trágico da vida. O homem agita-se, debate-se, declama, imaginando que constrói e se impõe — mas é impellido pela alma universal, na meia dúzia de coisas essenciais à Vida, ou obedece apenas ao impulso incessante dos mortos.

(*Memórias*, vol. I)

## FIALHO

Fialho! Fialho!... Pronuncio este nome e diante de mim desfila o assombro, panfletos, a obscenidade e o génio — farrapos arrancados a ferro e tão vivos que mal ousa tocá-los — o estoiro de uma bexiga de Entrudo — ironia e esgaras. E logo gritos! e agora gritos!... Ouço a dor, sinto a dor, sinto-a sempre através da forma imprevista, de uma audácia e de um ritmo incomparável, escorrendo sonho, aflicção, miséria, sinto-a até nos ímpetos de mau gosto, nos pontapés aos

leitores surpreendidos e irritados. Está diante de mim aquela boca enorme, aquela figura de gabinardo e chapéu mole que nas noites de tristeza e abandono me dizia: — O que eu sofri! o que eu sofri!... — Vejo-o sempre invejar o barqueiro louro e sardento de que fala nos *Gatos*, belo como um efebo à proa do seu barco. — Como eu queria ter saúde e ser forte! — Deu-lhe Deus o mais rico quinhão que imaginar-se pode, a língua incomparável para exprimir a quimera e a dor, e esse macaco sem fé esbanjou-a com o mais absoluto impudor: serviu-lhe para a chacota. Transtornou tudo, engrandeceu tudo, riu-se de tudo. As descrições perderam a proporção, as figuras a realidade, transformadas em figuras de dor ou de grotesco; a própria cidade ressurgiu a uma tinta lívida de antemanhã, com a casaria a escorrer vício e aspectos tétricos... É isto sim, mas isto criou-o ele de pobreza e desespero, criou-o de gritos que nunca ninguém lhe ouviu. — E maior ficou maior! A sua obra só tem outra que se lhe compare, a de Camilo! Exigem-lhe um livro harmónico — *Os Cavadores*. Por que é que toda a gente reclama dos outros aquilo de que eles são incapazes? A obra de Fialho não podia ser senão esta, aos arrancos e enorme.

(*Memórias*, vol. I)

## ANTÓNIO NOBRE

Faz hoje anos que morreu António Nobre. Em pequeno ia com Eduardo Coimbra enterrar os seus versos no jardim solitário do Palácio, e pedia, com olhos límpidos e sôfregos, uma Bíblia para repousar a cabeça quando o levassem no caixão... Estou a vê-lo, com uma camisola de pescador, saltar pela

janela da casa à beira-rio, de Matosinhos, onde Alberto de Oliveira já imperava, esse mesmo Alberto de Oliveira, esperto e tão dominador, que, quando entrava em casa dos outros, começava por os convencer a desarrumar os móveis, para os arrumar de novo a seu modo... António Nobre usava uma abotoadura de cabeças de pregos e sorria com um modo e um ar de ternura e desdém. Fugiam dele antes de publicar o *Só*; os poetas do seu tempo odiaram-no depois de publicar o *Só*. Ser diferente dos outros é já uma desgraça; ser superior aos outros é uma desgraça muito maior. Viveu sempre isolado. No concurso para cônsul quiseram reprová-lo: foi preciso que Alberto de Oliveira explicasse ao júri quem era o poeta António Nobre. Não pôde formar-se em Coimbra, e até os seus amigos mais íntimos lhe fugiram. Entrou na morte como tinha vivido — só. Até Alberto de Oliveira teve de interromper uma amizade de irmão quando se encontrou diante deste dilema: ou deixar-se dominar por ele, que o tratava como uma criança, ou feri-lo em pleno coração: — A nossa amizade é de tal ordem que não admite que lhe desçam dois ou três pontos à craveira. Ou mantê-la ou quebrá-la. — Quebrou-a. O ilustre escritor possui desse tempo um caixão enorme, tão pesado como o que levou o poeta para a cova, com as cartas afectadas e vivas de António Nobre, as cartas que tem obrigação de publicar, com um prefácio que só ele pode e deve escrever.

Digamo-lo, digamo-lo... No fundo detestaram-no, detestaram-no todos. Não lhe puderam perdoar a impertinência, o desdém, o génio. Era um ser diferente. Não agradava a ninguém. Só as mulheres o amaram. Era um Poeta. Desconheceu a vida prática. Tinha a consciência do seu valor, e uma superioridade que se não podia aturar. Estávamos todos mortos por nos desfazermos desse ser à parte, desse eterno cônsul sem consulado, desse estudante de Coimbra que os lentes reprovavam e que nos fazia sombra. Mas de balde

o arredámos: houve uma coisa nova que passou no mundo e que ficou no mundo — que nos ficou na alma...

Agora estamos todos apaziguados, todos podemos esquecer a superioridade, a affectação e o desdém infantil de António Nobre.

(*Memórias*, vol. I)

## ANTÓNIO CORREIA DE OLIVEIRA

António Correia de Oliveira, ossos, nervos e a pele necessária para os cobrir — com um chapéu alto e lustroso em cima —, grande poeta, com raízes profundas na natureza, tem na Beira uma tia que passa a vida em diálogos estranhos com as árvores e as pedras. E mal chega a noite ei-la começa a cumprir o seu fadário: leva até à madrugada a dar de beber indistintamente às plantas do seu quintal e às dos quintais vizinhos, numa aflicção, numa piedade que se estende até às ervas ignoradas e ruins. Monologando sempre, vai e vem — que não fique alguma com sede —, com o regador nas mãos, até que a manhã a encontra exausta, feliz, encharcada até aos ossos e ainda embebida naquele, sonho frenético de ternura... Toda a emoção do poeta está aqui, do grande poeta que diz: — Sinto em mim uma força da natureza... hei-de aproveitá-la. — Os avós deram cabo da casa. O pai ninguém o arrancava às suas árvores, e um tio, personagem de Camilo, morreu cosido de facadas. A mocidade do poeta foi também dolorosa. Chamavam-lhe mágico. Para não pesar à mãe escreveu à rasa num tabelião e foi proposto de recebedor em Sesimbra, ele que nunca soube somar. Iam as mulheres dos pescadores pedir-lhe perdão das décimas, e nunca na memória de homem se viu recebedor em semelhan-

tes apuros, perplexo diante dos papéis, dos pobres, da desgraça, das contas e da sua própria alma! Um dia gostou de uma mulher e escreveu os primeiros versos, *Ladainhas*. — Eu não sabia o que era versos, nem medir versos. Saiu-me aquilo... Troçaram-me tanto que estive para endoidecer. Sabe o que me valeu? Um artiguinho do Trindade Coelho no *Repórter*. Essas palavras salvaram-me!

(*Memórias*, vol. I)

## HERCULANO

Centenário de Herculano. Missa nos Jerónimos pelo padre Matos. O São Boaventura diz-me que, pela avó materna, é ainda parente de Herculano. — Que eram seus avós? — Pedreiros. — Efectivamente no retrato Herculano parece um pedreiro da minha aldeia; efectivamente Herculano descende de pedreiros e toda a sua obra é a de um homem que mói e lavra com solenidade a pedra, a de um desses extraordinários montantes que metem o ferro até à raiz da fraga, racham o penedo, afeiçoam a laje, e acabam, enfim, por construir a catedral. Herculano edificou em granito — e no granito abriu pacientes e admiráveis labores... A seriedade, a obstinação, e até o amor à terra, ao azeite e ao pão, seu último ideal e refúgio, são característicos e o ideal também dessa legião de trabalho obscura, cuja alma, à força de lidar com a pedra, adquire dureza e grandeza também. Essas figuras, só osso e pele, descarnadas, que partem de manhã com o saquitol e a boroa, que só pronunciam palavras graves, e ao dar do meio-dia se descobrem e mastigam o pedaço seco de pão com um ar solene, — acabaram, enfim, por encontrar um descen-

dente austero e grave, capaz de exprimir o universo — o que sentiram, o que sofreram e o que-sonharam — e de edificar com alicerces para séculos. Tudo, até a falta de fantasia e imaginação, até o miúdo labor pacientemente trabalhado, até a casa simples, vulgar e mal repartida, até a companhia, até a austeridade, veio a Herculano dessa grande geração de pedreiros portugueses, que antes dele fizeram obra digna de homens e desapareceram para sempre no pó — mas puderam transmitir, filho atrás de pai, a solenidade e a grandeza, a quem um dia erguesse uma catedral mais vasta e com raízes mais fundas do que eles todos juntos. Mas todos trabalharam também, sabe Deus durante quantos séculos, para a obra do pedreiro máximo de toda a sua geração.

(*Memórias*, vol. I)

## ALDEIA

Fugimos para a aldeia... A nossa casa fica a meia encosta da colina. Por trás o mar verde dos pinheiros, em frente os montes solitários. Este cantinho rústico criei-o eu palmo a palmo. Tudo isto foi pedra e uma árvore contemporânea da fundação da monarquia. O carvalho centenário cobria todo o eido. Era enorme, era prodigioso. No tronco, que nem seis homens podiam abranger, tinham os bichos as luras e seu hálito sentia-se ao longe. Logo que o vi fiquei apaixonado. — Vamos viver juntos, vou envelhecer ao pé de ti. — Nós não ouvimos as árvores, mas a sua alma comunica sempre connosco: sua força benigna toca-nos e penetra-nos...

Construí a casa, plantei as árvores, minei as águas. Absorvi-me. Uma pedra basta, basta-me um tronco carcomido... Este tipo esgalgado e seco, já ruço, que dorme nas eiras ou sonha acordado pelos caminhos, sou eu. Sou eu que

gesticulo e falo alto sòzinho, envolto na nuvem que me envolve e impregna. Que força me guia e impele até à morte?

Tenho apanhado sol em todas estas eiras. Nunca me farto de ver as grandes pedras veneráveis, nem de falar com jornaleiros, cavadores e pedreiros, que não ganham para comer, porque as mulheres têm filhos às ninhadas como os ratos. Refiro-me principalmente aos pedreiros — geração formidável que há séculos vem rachando a alvenaria para edificar a casa, erguer os socalcos e lajear as eiras.

(*Memórias*, vol. II)

### SAMPAIO BRUNO

Bruno, esse, nunca fez cálculos sobre a vida. Cheio de simplicidade e de modéstia viveu e morreu como um pobre homem — a arrastar-se, nos últimos anos, da padaria da Rua do Bonjardim para a Biblioteca, da Biblioteca para a Rua do Bonjardim. Punha um pé — parava; outro pé adiante — com uns testículos que lhe chegavam aos joelhos, e suspendia a marcha, arrastando-se com os vagares do caracol. Cada vez mais apegado à inocência dos livros, a sua grande alegria era conversar... — Só se detinha um momento a olhar a gente por cima das lunetas e tinha pena de não poder como antigamente correr as ruas do Porto até de madrugada com os seus amigos. — Nem ao café vou. Chamam-me talassa! — Do Porto dizia:

— É a melhor terra do mundo para se viver. Nem Paris lhe chega!

Ora sucedia que este homem extraordinário que sabia tudo e que conhecia tudo — que valia uma biblioteca, conversador admirável, e que era ao mesmo tempo um homem modesto, falando baixinho, com grandes olhos de miópe, a

espreitarem por cima das lunetas — tinha a desgraça de ser tão tímido, que, posto à espera de um eléctrico, não se atrevia a fazer o gesto de o mandar parar. Se parava, subia — se não parava, ficava à espera de outro.

(*Memórias*, vol. II)

## AMOR

Um dia destes temos de nos separar, e é natural que seja eu, que sou mais velho, o primeiro a partir... Antes, porém, quero dizer-te que te devo o melhor da vida. Foste tu que me desvendaste o amor, que eu desconhecia. A bondade e a ternura, que eu desconhecia. Não exerci talvez nenhuma influência na tua alma — tu apaziguaste-me. O amor era em mim um simples impulso: criaste-o, e pouco e pouco essa força nas tuas mãos se transformou em sentimento religioso.

Olha para os meus cabelos todos brancos... Julgava que o amor ia diminuindo com o tempo — e o meu amor não cessa de aumentar até à morte e para além da morte. «Na ocasião em que escrevo estas linhas — diz Alfieri nas *Memórias* —, na idade em que já desapareceram de todo as ilusões, sinto que a amo cada vez mais, à medida que o tempo destrói o brilho da sua passageira beleza. Ela tornou melhor, elevou e pacificou o meu coração — e eu ousou dizer a mesma coisa do seu, que sustento e fortifico.»

É certo: cada ano que passa é um laço que nos prende e quanto melhor conheço a tua alma, mais me purifico ao seu contacto. Não só fazes parte do meu ser, mas da minha consciência. Chego às vezes a supor que és tu a minha consciência.

Por isso esta separação vai ser dolorosa, ainda que eu creia que nos tornaremos a encontrar noutro mundo melhor. Não decerto para vivermos as horas que passámos juntos à

beira do lume, penetrados um do outro e unidos pelo silêncio, mas numa vida superior que antevejo e numa paz mais profunda. Ainda assim tenho pena. Tenho pena das horas monótonas que correm — do tempo que passa — da brasa que se extingue...

Foste o fio que ligou a minha vida desordenada. Há em mim um ser desconhecido que me leva, se não estou de sobreaviso, a acções que detesto. Uma palavra tua me detém. Tenho passado o tempo a comentar-me e poucas almas me interessam como a minha. O que eu amo sobretudo é o diálogo com esse ser esfarrapado. Dêem-me um buraco e papéis e condenem-me à solidão perpétua. É-me indiferente... Isto é um erro — e tu fizeste-me sentir. Sem mo dizeres — compreendi que a nossa vida é, principalmente, a vida dos outros... Melhor: compreendi que a ternura era o melhor da vida. O resto não vale nada. Não é por a esmola da velha do Evangelho ser dada com sacrifício que é mais aceita no céu que o ouro do rico — é por ser dada com ternura. O importante é a comunicação de alma para alma. A mão que aperta a nossa mão, o olhar húmido que procura o nosso olhar, o sorriso que nos acolhe, desvendam-nos o mundo. Às vezes é um nada que nos faz reflectir, é o momento, é uma figura que nos entra pela porta dentro e de quem nos sentimos logo irmãos...

*(Memórias, vol. II)*



ÍNDICE



<i>PREFACIO</i> .....	VII
-----------------------	-----

### A TERRA E O MAR

Marão .....	2
Primavera na montanha .....	3
Litoral minhoto .....	4
O pinhal e o mar .....	5
Ria de Aveiro .....	6
«Uma grande flor que desfalece» .....	7
A lagoa e o sonho .....	7
Pôr-do-Sol em Mira .....	8
O «sítio» da Nazaré .....	9
Óbidos, longe do Mundo .....	9
Paisagem ribatejana .....	10
Lisboa .....	11
Ruas da velha Lisboa .....	12
Amendoeiras no Algarve .....	13
Açores .....	14
O Pico .....	14
Ilha de sonho .....	16
Sete Cidades .....	17

Ilha Terceira .....	19
Corvo .....	20
A costa da Madeira .....	21

## O HOMEM

O homem de Aveiro .....	26
Restituta da Piedade .....	26
Natal do cavador .....	27
O gato-pingado .....	28
O pescador de Olhão .....	29
O jornaleiro alentejano .....	30
Mortos e vivos, no Corvo .....	31
A vida e a terra .....	31
Um poveiro .....	32
A Rata de Sobreiras .....	34
Ralé .....	34
Gente da vila .....	35

## O TRABALHO

O pastor beirão .....	40
O peixe no rio .....	41

	Págs.
Pesca na Póvoa de Varzim .....	42
«Lá vai a arça!» .....	43
O rabelo ao fio de água .....	48
Faina de pesca .....	49
«A rasto pela areia entre laivos verdes...» .....	50
Salinas de Aveiro .....	51
Pescadores da Nazaré .....	51
A pesca no Sul .....	52
Pesca em Sesimbra .....	54
O salva-vidas .....	55

#### A VIDA E AS FIGURAS

O sonho e a dor .....	58
Aprendi-o nesse tempo .....	59
Acção .....	61
Fialho .....	61
António Nobre .....	62
António Correia de Oliveira .....	64
Herculano .....	65
Aldeia .....	66
Sampaio Bruno .....	67
Amor .....	68



# PÁGINAS PORTUGUESAS

COLEÇÃO DE ANTOLOGIAS DE LITERATURA,  
CRÍTICA E PENSAMENTO POLÍTICO NACIONAL

DIRIGIDA POR

RODRIGUES CAVALHEIRO

COM A COLABORAÇÃO DE

CAETANO BEIRÃO • JOÃO AMEAL • JOÃO DE  
CASTRO OSÓRIO • LUÍS FORJAZ TRÍGUEIROS •  
CARLOS LOBO DE OLIVEIRA • DOMINGOS MAS-  
CARENHAS • EDUARDO FREITAS DA COSTA •  
HENRIQUE BARRILARO RUAS • F. A. OLIVEIRÁ  
MARTINS • MONS. MOREIRA DÁS NEVES • ALE-  
XANDRE LÓBATO • PEDRO CORREIA MARQUES •  
TABORDA DE VASCONCELOS • COSTA GARCÉS •  
HORÁCIO DE CASTRO GUIMÁRAES • AMÂNDIO  
CÉSAR • TERESA LEITÃO DE BARROS • EDUARDO  
DE SOVÉRAL • FLÓRIDO DE VASCONCELOS • FER-  
NANDO DE CÁSTRO PIRES DE LIMA • ANTÓNIO  
MANUEL GONÇALVES • ETC.

## VOLUMES PUBLICADOS:

RAMALHO ORTIGÃO (2.<sup>a</sup> edição) • EÇA DE QUEIROZ  
(2.<sup>a</sup> edição) • ANTÓNIO SARDINHA (2.<sup>a</sup> edição) •  
ALMEIDA GARRETT • FERNANDO PESSOA • RAUL  
BRANDÃO • AIRES DE ORNELAS

## VOLUMES A PUBLICAR:

D. MIGUEL SOTTO-MAYOR • MOUZINHO DE ALBU-  
QUERQUE • ANTÓNIO ENES • XAVIER CORDEIRO  
• JAIME DE MAGALHÃES LIMÁ • JÚLIO DINIS •  
MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO • OLIVEIRA MAR-  
TINS • AFONSO LOPES VIEIRA • DIOGO DE MACEDO  
• ALBERTO SAMPAIO • FERREIRA DEUSDADO •  
JÚLIO DE CASTILHO • JOÃO DE ALMEIDA • JOSE  
LEITE DE VASCONCELOS • ANTÓNIO FELICIANO DE  
CASTILHO • ETC.







9. ALMEIDA GARRETT — Selecção e Prefácio de João de Castro Osório \* PÁGINAS PORTUGUESAS
10. PAUL BOURGET — Selecção e Prefácio de Jacques Ploncard d'Assac \* DEFESA DO OCIDENTE
11. ADEUS, AMIGO!... — Maria Irene Dionísio \* FICÇÃO
12. O PASSARO PEDINTE E RUAS DISPERSAS—João Afonso \* POESIA
13. AIRES DE ORNELAS — Prefácio e Selecção de Costa Garcez \* PÁGINAS PORTUGUESAS
14. RAUL BRANDÃO — Prefácio e Selecção de Luís Forjaz Trigueiros \* PÁGINAS PORTUGUESAS

**VOLUMES  
A PUBLICAR**

- CHARLES MAURRAS  
— Selecção e Prefácio de Jacques Ploncard d'Assac \* DEFESA DO OCIDENTE
- FERNANDO PESSOA  
— Prefácio, Selecção e Notas de Eduardo Freitas da Costa \* PÁGINAS PORTUGUESAS

EDIÇÕES PANORAMA • PÁGINAS PORTUGUESAS

14

NB



\*EFG0000514187\*

S.N.